

em.

9-902

1

Memorias

I

1879-1902



Memoria

I

1872-1902



« Mil causas v' contárey
de las quentés de las frías
que passey: »

Decima de D. Pedro de Alencida no
Caucioneiro Genel de G. de Resende,
a fls. cxxxv?

x

« Si quiéres dejar algo fuerte, justo
y loable, ten la bizarris de escribir
como si ningún contemporáneo te
hubiera de ler. »

Ramon y Cajal: Charles de café a
pag. 248 de 4.ª ed.ª

[Faint, mostly illegible handwriting in the lower half of the page, possibly bleed-through or very light ink.]

En el presente se ha
de dar cuenta de las
operaciones que se han
realizado en el mes de
enero.

El presente se ha
de dar cuenta de las
operaciones que se han
realizado en el mes de
enero.

En el presente se ha
de dar cuenta de las
operaciones que se han
realizado en el mes de
enero.

En el presente se ha
de dar cuenta de las
operaciones que se han
realizado en el mes de
enero.

I

Ào aproximar-me dos 50 anos, comecei a sentir certa vontade de escrever as minhas « Memórias ».

Não, de certo, por ter sido notável a minha vida e entender que a Posteridade não poderia passar sem o meu depoimento; nem, até, por entender, como uma personagem de Balzac que, aos cinquenta anos a vida está, pouco mais ou menos no fim;⁽¹⁾ mas várias outras razões me fizeram crescer o desejo de relatar recordações.

Escreveu Stendhal ao aproximar-se de idêntica idade: « Je vais avoir cinquante ans, il serait bien temps de me connaître... »⁽²⁾ Não sei se a intenção do grau-

⁽¹⁾ « J'avais alors cinquante ans, et ma vie était à peu près finie. » { L'œuvre de l'histoire contemporaine, pag. 80 }.

⁽²⁾ Vie de Henri Beulard, cap. I.

de analista seria, realmente, mergulhar dentro do eu e ir ás raizes do meu ser; o livro não me parece ser de grande profun-
 didade e só traduzir o espirito de observa-
 ção e de analyse que abundantemente dei-
 xou por outras suas obras — e eu, na ver-
 dade, só pensei que a frase quereria signi-
 ficar, como no meu caso, que desde que
 as circunstancias me desviaram, infeliz-
 mente, do caminho que imaginei poder se-
 guir, é consolar, pelo menos, ir reviver
 os annos que passaram, recordar as pas-
 sagens da existencia e ver se, de tudo isso
 contado com verd.^{de} e franqueza, se poderá
 tirar alguma moralidade.

É possível que o autor do Range et
deir quizesse dizer isto; e foi com estas dis-
 posições que comecei a pensar no trabalho,
 a querer coordenar ideias, a juntar notas.

Andava eu, então, na tarefa de admi-
 nistrar, melhorar ou fixar, a Tipografia e Su-
xiliar de Escrivario, tarefa inexplorada que me
 consumia os dias e a acção intellectual,
 bem longe daquelle conceito de Machado de
 Assis que faz consistir no meio século de
 existencia, ou seja nos cincuenta annos, o

tempo próprio da ciência e do governo ⁽¹⁾
 e até hoje, também, do outro conceito de
 Georges Duhamel que dá aos 53 anos como
 o vertice de uma bela e trabalhosa vida... ⁽²⁾

Os dias passava-os metido na ma-
 quina industrial, sem estímulos de qualquer
 ordem; e assim, cada vez mais me aper-
 tava a ideia de fugir para o passado e pro-
 curar nessa evasão, como agora se diz, al-
 gumas meratid. consoladoras e proveitosas.

Mas o tempo foi correndo.

A tarefa industrial era absolutamente;
 quando a deixei quiz intensificar, talvez
 inoportunam^{te}, umas investigações relati-
 vas á história mirandense (bem real
 empregado tempo!); depois veio o ano
 de comando em Pousfial, uma especie de
 bronco-pneumonia, a preparação para me
 apresentar decentemente em Caxias, uma
 serie completa de impedimentos que me
 aproximáram da década seguinte e que, com
 o envelhecer, me iam tirando facilidades

⁽¹⁾ Memorias postumas de Braz Cubas,
 cap. 137.

⁽²⁾ Le combat contre les ombres, cap. I, 9
 pag. 8.

de memoria e até a perspectiva da falta
possível de tempo para a obra.⁽¹⁾

Eram os 60 anos que se aproximavam
a galope, idade a que já o filósofo Teofrasto
classificava de velhice decidida⁽²⁾ e que modernamente se tem em considerar do mesmo modo. Eram os 60 anos que continuavam a mesma vida dos cinquenta, sem utilidade para a ciência e para o Governo como queria Machado de Assis e muito menos semirais de bela e trabalhosa e, por consequência, útil como dizia o subtil Duhamel.

Era o meio, o terrível meio que serve para os lados de Miranda do Carmo para estabelecer a decadência e dá ensejo a certas afirmações que se leem em livros. O russo José da Cunha Brochado, em 1700, classificava os 62 anos de Luís XIV como « grande achaque ».⁽³⁾ Esq. de Seneiroz, ainda novo, tem

⁽¹⁾ Teof. Borgia dizia em carta para Fran Paxeco, em 1916: « Tenho na idade que avança e que não ha tempo a perder » [Carta de 11 de Agosto, a pag. 83-84 das Cartas de Teofilo publicadas por Fran Paxeco. Teofilo tinha então 73 anos.

⁽²⁾ Os Caracteres, a pag. 54 da ed. Garnier, junto com Les Caracteres de La Bruyère.

⁽³⁾ «... El-Rei de França tem o grande acha-

esta frase tremenda: « Vi-o chorar, aquelle
velho de quasi sessenta annos. »⁽¹⁾ E este juizo
é mais grave ainda porque ~~é~~ antefaz um
quasi á norma dos annos, o que quereria dizer,
p.^a o grande romancista, que a velhice come-
çava na casa dos cinquenta.

E recentemente, um jovem escritor
francês, destes rapazes novos p.^a quem todos
os moldes correntes são velharias inúteis,
classifica de velho João Jacques Rousseau
quando este, aos 65 annos, se lembrou de dar
os celebres passeios solitarios.⁽²⁾

Enfim...

O juiz é que o correr dos annos resen-
ta annos mas das direitas, como os do ~~romano~~
Renaud, a um tom sorrizo discreto.⁽³⁾ Soupe
disso. E agora, que mais outra década pas-
sou, sem proveito de qualquer especie alem

que de 62 annos... » (Carta de 25 de Julho, a pag. 103
do vol. Cartas, ed. Sá da Costa em 1944).

(1) Contos, pag. 6 da 3.^a ed.^{ta}

(2) « Ecoutez enfin le soupir de ce vieil hom-
me de soixante-cinq ans... » (Jacques de LaCre-
telle: Aparté, pag. 204, deux.^{me} edit., Librairie Gal-
limard, Paris).

(3) « Après soixante ans de vie sérieuse, on
a le droit de sourire... » (Souvenirs d'enfance
et de jeunesse, pag. 306 da 17.^a ed.)

deus pobres trabalhos históricos lançados ao Deus-dará da publicidade, voltou á utilidade de deixar « Memórias », de querer deixar arrumados certos assuntos e contados certos passos da vida que têm algum interesse, sem o sorriso de consciencia tranqüila do bom Renan — mas talvez mais com a intenção de historiar, por pouco que para a história valha o meu depoimento.

Escreveu Damião de Góis, sentenciosamente; « Quanto mais envelheçamos, mais matéria se nos oferece que devemos confiar ao papel p.^a que fique por lembrança á posteridade. »⁽¹⁾ E varios outros escritores me têm lembrado esse quasi dever como a Bibliotheca da M.^{me} de Sevigné⁽²⁾, como o desgraçado Garrulo Castelo-Branco que desbaratou a vida ás mãos cheias⁽³⁾, como o

⁽¹⁾ Três comentários acerca da 2.^a guerra de Canhaia, a pag. 215 dos Opusculos Históricos, publicados em 1945.

⁽²⁾ « La vieillesse et un peu de maladie donnent le temps de faire de grandes réflexions... » [Carta a M.^{me} de Grignau, ao 8 de Junho de 1676, a pag. 243-245 das Letras escolhidas, ed. Flammarion].

⁽³⁾ « Começo agora a fazer escavações nas ruínas do grande mundo que fiz e desbaratei. » [Dois horas de leitura, pag. 46 da 3.^a ed.⁵].

7

romântico Paulhão Pato ⁽¹⁾ e, de certo, muitos outros de que não tornei a nota devida nos meus muito queridos verbetes.

Cícero, porém, discorda deotas a respeito insinuações de certos espiritos de escol. Lá do fundo dos seculos, diz-nos com mais ou menos razão: « Potest enim quidquam esse absurdum, quam, quo minus. vide ne lat, es plus vitalici quaerere? » ⁽²⁾ Que motivo teria ele para assim condemnar essa coordenação de notas relativas ao passado? Veria o grande orador apenas um sintoma de vaidade nessa coordenação de apontamentos e recordações? Não veria ele o seu valor para a história desses despoimentos, mesmo modestos que sejam?

É certo que, como escreveu Geofilo Braga ⁽³⁾, «... é um verdadeiro prazer, ao cabo

⁽¹⁾ « A quem estiver na marante da vida, como eu, e tenha visto alguma coisa, aconselho a que faça os seus apontamentos. [...] não terá valor para os outros, não precisas f.º mim! » (Memórias, Cenas da Infancia..., v. I, pag. 173).

⁽²⁾ Tradução livre: Não é absurdo juntar provisões quando o caminho está a fêndar? (In De Senectute, no § XVIII, ed. Garnier).

⁽³⁾ In Visão dos Tempos, a pag. VI da Advertência, 2.ª ed. (1869).

de anos, inventariar as ideias e pedir por elas, ainda, o mesmo grau de certeza.» Mas o meu principal escôpo tem mais o cunho de historiar, um pouco no genero de Fr. Paulatão de Aveiro ao dizer: «... minha intenção não é escrever meditações nem fazer exclamações, mas somente relatar e escrever o que vi e ouvi...»⁽¹⁾

Desde criança pedi o prazer de arguir eisar, de deixar escrito ou apontado o «que vi e ouvi», com pedido serio de se fixar para o futuro ~~o mesmo~~ e não com intenções de ligeireza como dizia Julio de Castilho, de certo sem reparar bem no que escreveu: «Deu não escrever Memorias ou escrevê-las com todo o rainete de bagatelas.»⁽²⁾

Não é, porém, com bagatelas que se deixam elementos serios e seguros para a historia — e este é, sem modestia mas também sem basofia, o meu mais sincero intento.

Escreveu Ramon y Cajal ou, talvez melhor, disse em palestra, que «por ignoran-

⁽¹⁾ Itinerario da Terra Santa e suas particularidades, cap. XXIV, a pag. 127 de 7ª ed. (1927)

⁽²⁾ Memorias de Castilho, 2ª edição, t. V, livro V, a pag. 257.

«~~é~~ te y limitada que sea una persona, tiene siempre un asunto interesante que contar: su autobiografía.»⁽¹⁾

Autobiografía com pseudido documental mas também, como acima disse, com intenções de se lhe virar a resorati^o proveitosa e discreta; e embora o romancista, agora muito querido, Charles Morgan, diga que a autobiografia é a mais difícil das artes,⁽²⁾ eu vou tentar a empresa sem grandes preocupações — pois poderei dizer aos juvenis leitores como o velho bispo do Grão-Pará:

— «Não se escandalize o leitor, porque estes apontamentos não são p.^o imprimir...»⁽³⁾

E depois, como fica já escrito, o tempo foge; e se começo a escrever, as laudas vão seguindo facilmente umas atrás das outras e os volumes crescerão a olhos vistos.

«At si tardus eris, errabis: transiet aetas
Sua cito!»⁽⁴⁾

⁽¹⁾ Charles de café, pag. 253 da 3.^a ed.

⁽²⁾ Sparken Lroke, trad.^o franceza de G. Delamain no cap. XX da 2.^a Parte, pag. 247 da ed. de 1938

⁽³⁾ Memorias de Fr. João de S. José Queiroz, a pag. 92 da ed. de 1868.

⁽⁴⁾ Título: Elegia IV do Livro I, versos 27-28 (Ed. Garnier).

A diferença está em que não é a inocidade que passará depressa como canta o poeta, mas a própria velhice; e já agora quero pôr tudo em ordem e tipar, metter em pôr, varios periodos da vida em q. Vive paciencia para deixar notas diarias, com alguma vivêza e bom humor.

O que se vai seguir pelo manuscrito fóra é, parece, escrito com verdade.

Disse Anatole France pela pena de Silvestre Bonnard que « il est bien difficile d'observer, même dans un journal, la vérité littéraire. »⁽¹⁾ E Rousseau diz ainda que muitas vezes a memoria falha um pouco, as recordações vêm imperfeitas e entã pômos levado a preencher certas faltas com pormenores que embora não sejam falsos e possam embelazar a narrativa, não são propriamente exactos.⁽²⁾

Tudo isso é verdadeiro; mas vamos a ver se consigo ser fiel ao que escrevo e

(1) Le crime de Silvestre Bonnard, a pag. 4 da ed.^{ta} illustrada de Calvau Lévi (1925)

(2) Les rêveries d'un promeneur solitaire. Quatrième promenade, a pag. 83-84 da ed.^{ta} Rousseau, Paris (1946?)

imparcial no que conto. Não tenho necessi-
dade de alterar os sucessos da minha vida;
se entender que os não devo lembrar, não
lembrarei, mas escuso de os modificar.

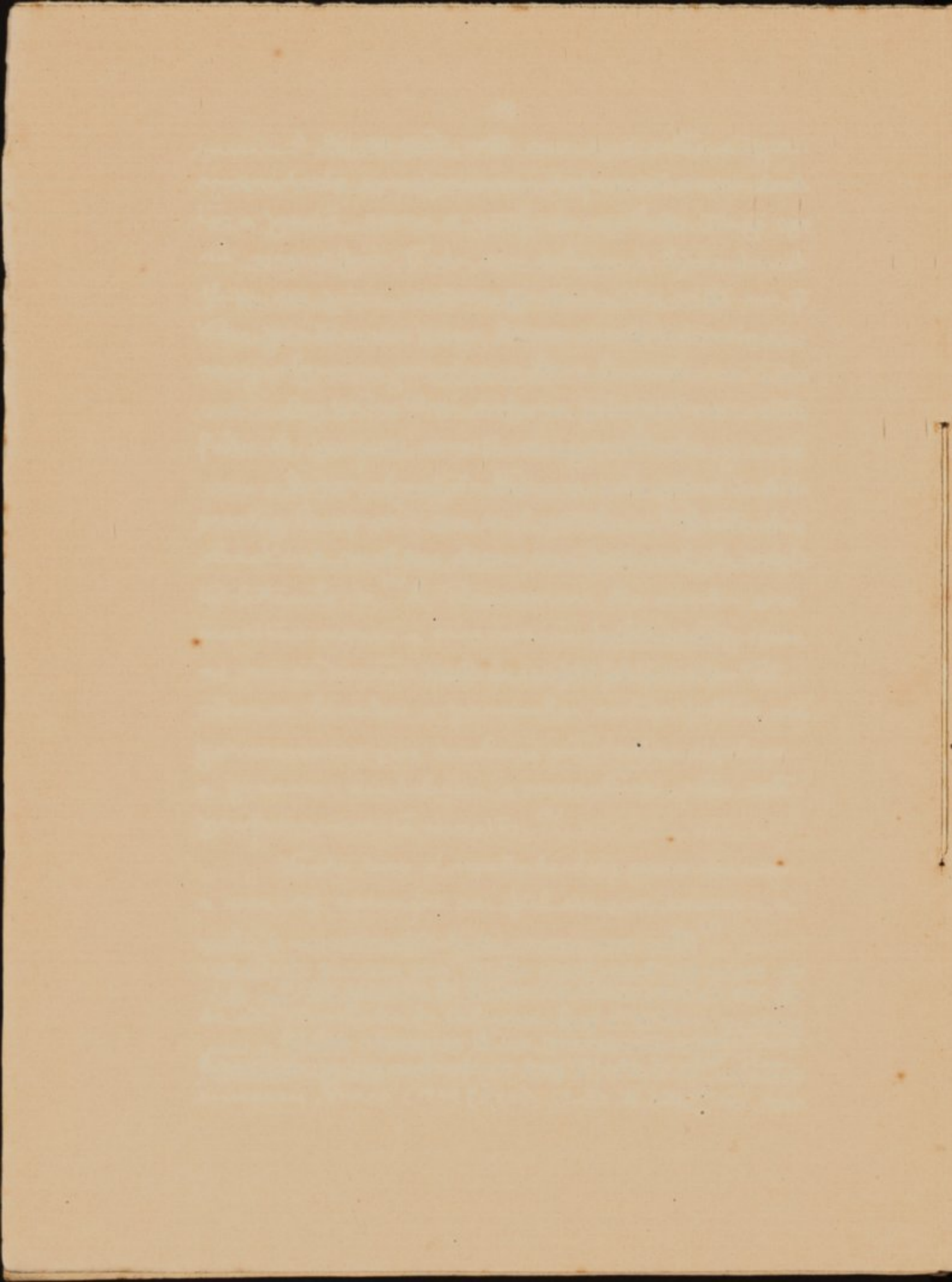
Disse Carrillo Cast.^o Branco, não sei se
com verdadeira razão, que «em Portugal
não se escrevem Memórias: prova de egoi-
smo e de torpessa de alma.»⁽¹⁾ Não quero dar
essa prova de egoismo e de torpessa de al-
ma... E vamos a isso «já que se me vai
o entendimento enchendo de ferrugem...»
como disse D. Franc.^o Manuel de Melo⁽²⁾

Coimbra:

19-20 de Maio de 1849.

⁽¹⁾ Obra monumental. Memórias d'aleu
da causa dum juiz eleito, no jornal A Verda-
de, do Porto, em 1856. Incluídas depois nos Dis-
persos, vol. II a pag. 494.

⁽²⁾ D. Franc.^o Manuel de Melo: Carta a um
amigo, em 1641, a pag. 25-32 das Cartas Familia-
res, ed.^o Sá da Costa (1937).



II

«Sou qual me vês e qual te eu
digo: não quero parecer outro nem
ser mais do que pareço.»

Rodrigues Lobo: O Pastor Peregrino, Liv. I, jorn. II.

Afinal, apesar de toda a pressão, já lá
vão mais de sete anos que o entendim.^{to}
ficou suspenso. Porque, não sei bem. Vou,
parem, recomeçar.

Cada vez a ferrugem me invade
mais o entendimento; e para acabar, a va-
ler, com a torrente de erudição, lembrarei
o final dos Fastos de Ovidio: «Tempora labun-
tur, tacitisque senescimus annis / Et fugiunt,
pressis non remorante, dies.»⁽¹⁾

Ors direi que nasci no dia 3 de Outu-
bro de 1879, numa sexta-feira, pelas nove

⁽¹⁾ Liv. VI, vv. 771-72.

horas da noite, no 2.º andar do prédio n.º 13 da Praça do Comércio, no quarto que tem duas janelas do lado norte.

Era uma sexta-feira — dia aziago, conforme a tradição que, neste caso, não deixou de ter certas justificações.

Mas, enfim...

Foi nessa praça onde, possivelmente, em outros tempos os romanos se divertiam, já que o declive da urbes não deixava que o fizessem intra muros; onde, em tempos mais próximos, se arriaram os tabuleiros para correr kairs e se ergueu, por algumas décadas, o simbólico pelourinho; que eu purgi neste mundo, embealado pelo ron-ron das maquinas da tipografia de meu avô materno, instalada nos andares de baixo.

Foi nessa praça burguesa ainda há pouco tão bem descrita pelo P.º Antonio do queiroz Gonçalves⁽¹⁾; onde existiu o Paço dos Tabeliães, o Hospital das Ordens religiosas e o mercado até uns vinte anos antes, q.

(1)

No Diário de Coimbra, n.º 6134, de 24 de Maio de 1949.

a Sorte quiz que nascesse uma creaturinha como qualquer outra mas que, com o andar dos tempos, receiu a per a contraditória pessoa que neste momento começa a escrever as memórias com a conecção natural de quem vai narrar a historia duma vida errada.

Pois é verdade. Foi a uma sexta-feira, dia aziago.

Dois dias antes, houvera eleições gerais a que concorreu o partido operario com certa força; dessas eleições saiu, como deputado progressista o Poeta Guerra Junqueiro. Na vespera, por consequencia em 2 de Outubro, Garrilo Castello-Branco escreveu a carta violenta a Cipriano Jardim publicada no dia 5 no Diario Illustrado e muito conhecida e citada pelos carrilianos⁽¹⁾. No dia seguinte, 4, nas columnas do mesmo Diario Illustrado o Poeta Cesário Verde, levava uma grossa tarefa de critica que, certamente, o não compreendeu. Dito dias depois, a Escola Livre das Artes do desenho expunha os

⁽¹⁾ Gp. Antonio Galeral: Garrilo desconhecido, a pag. 373.

Trabalhos dos seus discipulos para comemorar o 1.º anniversario da sua fundação. E andava no ar, em acalorada discussão, o problema do cruzamento da linha da Beira-Alta com a do Norte que se balauçava, juntamente com os vai-veus da politica, entre Coimbra e a Paup'ilhosa.

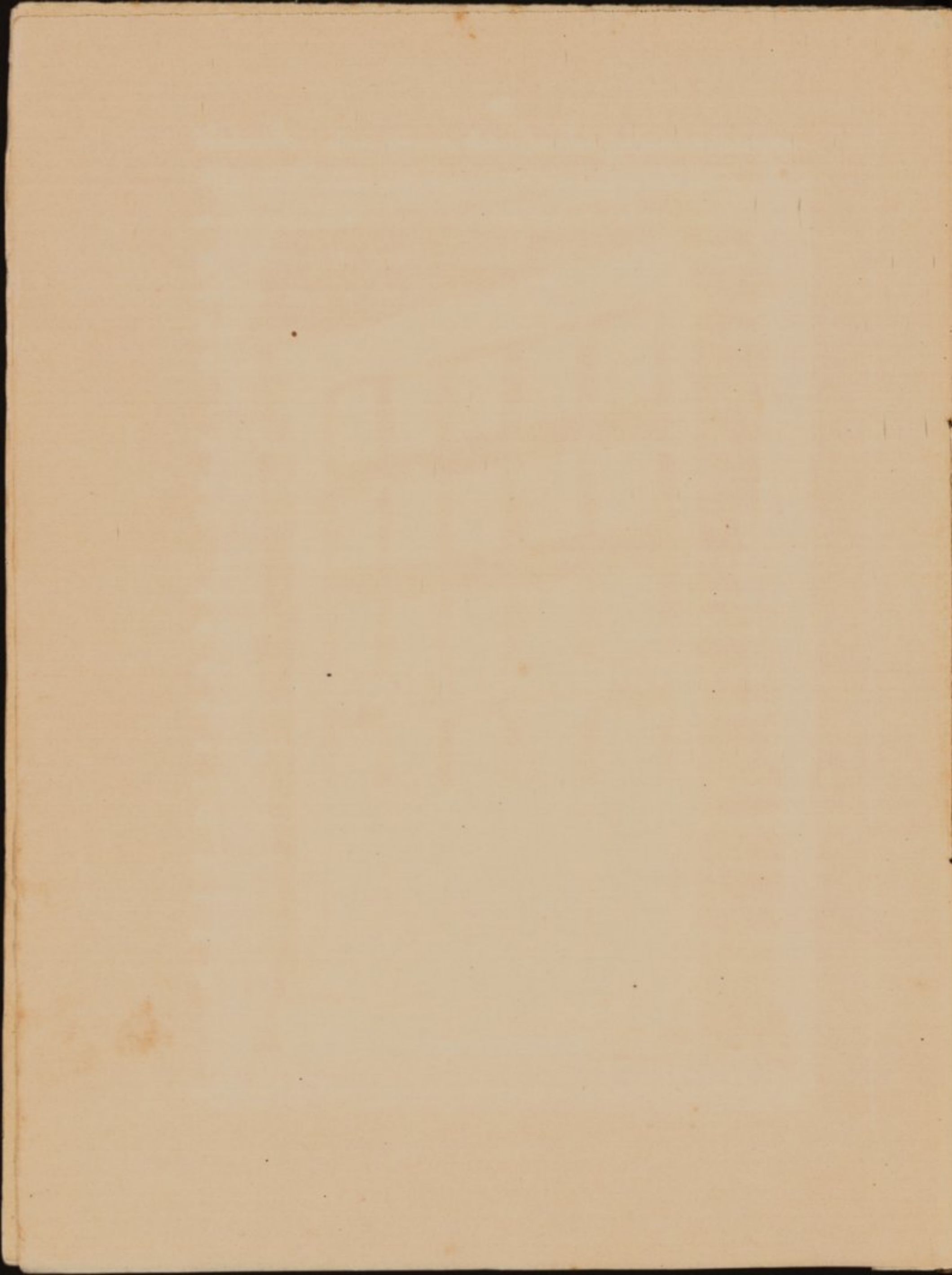
Leis aqui o que mais notavel se deu em Portugal e, em especial, na m.ª terra, quando na fatidica 6.ª-feira eu surti do ventre materno para as misérias deste mundo.

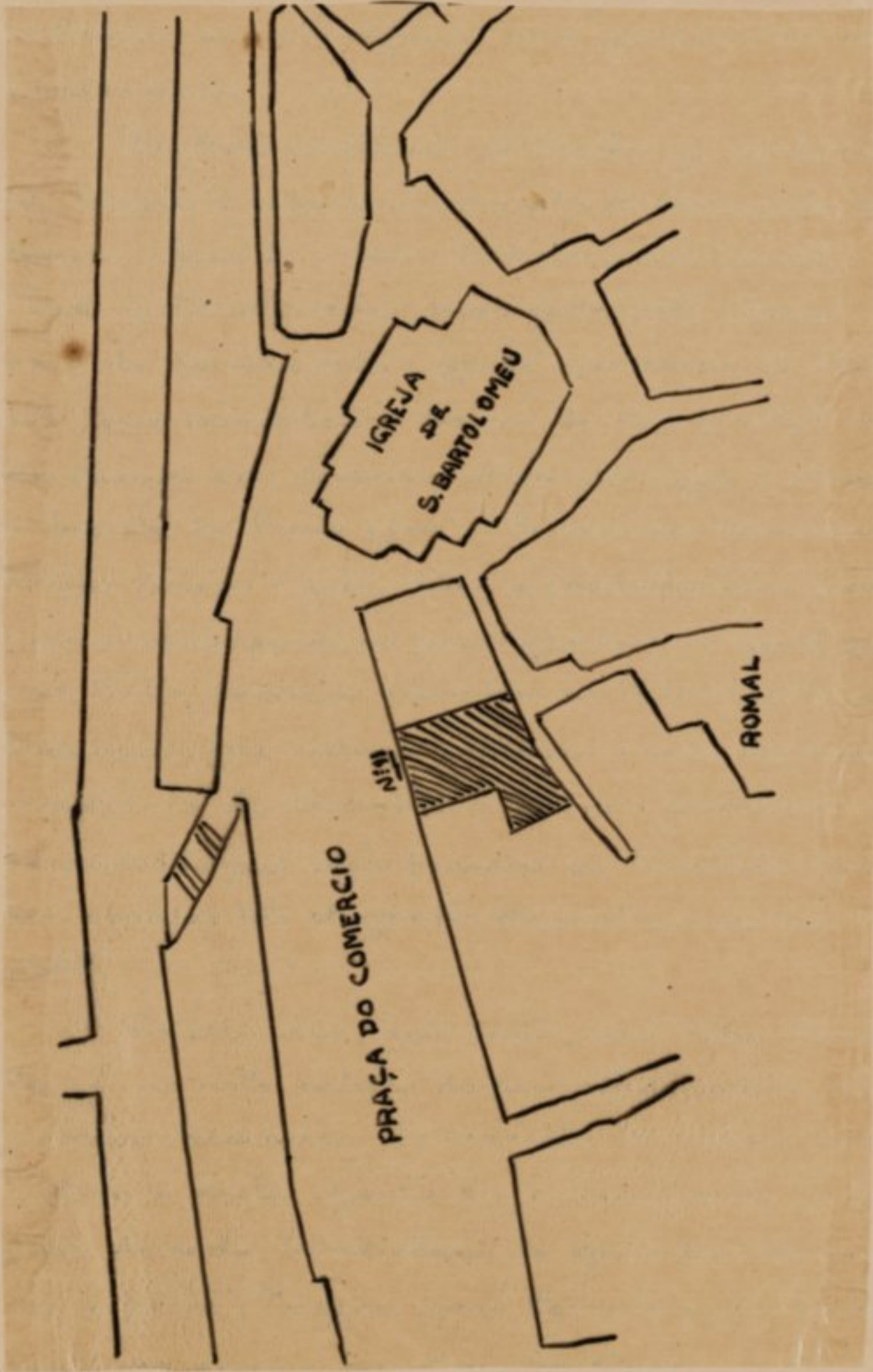
Baptizaram-me, sem me pergunta-rem se queria ser cristão, a 26 de Novembro seguinte; a cerimonia foi feita pelo Prior, de nome Manuel Joaquim de Castro que creio era bacharel em theologia e boa pessoa, pelo menos era essa a impressão mantida na familia. Foi meu padrinho, por procuração, o tio João Baptista da Silva, ainda no Brasil e madrinha, m.ª Tia Amelia da Conceição; e assim, sem eu saber, me fizeram oficialmente cristão e me lavaram do peccado original...

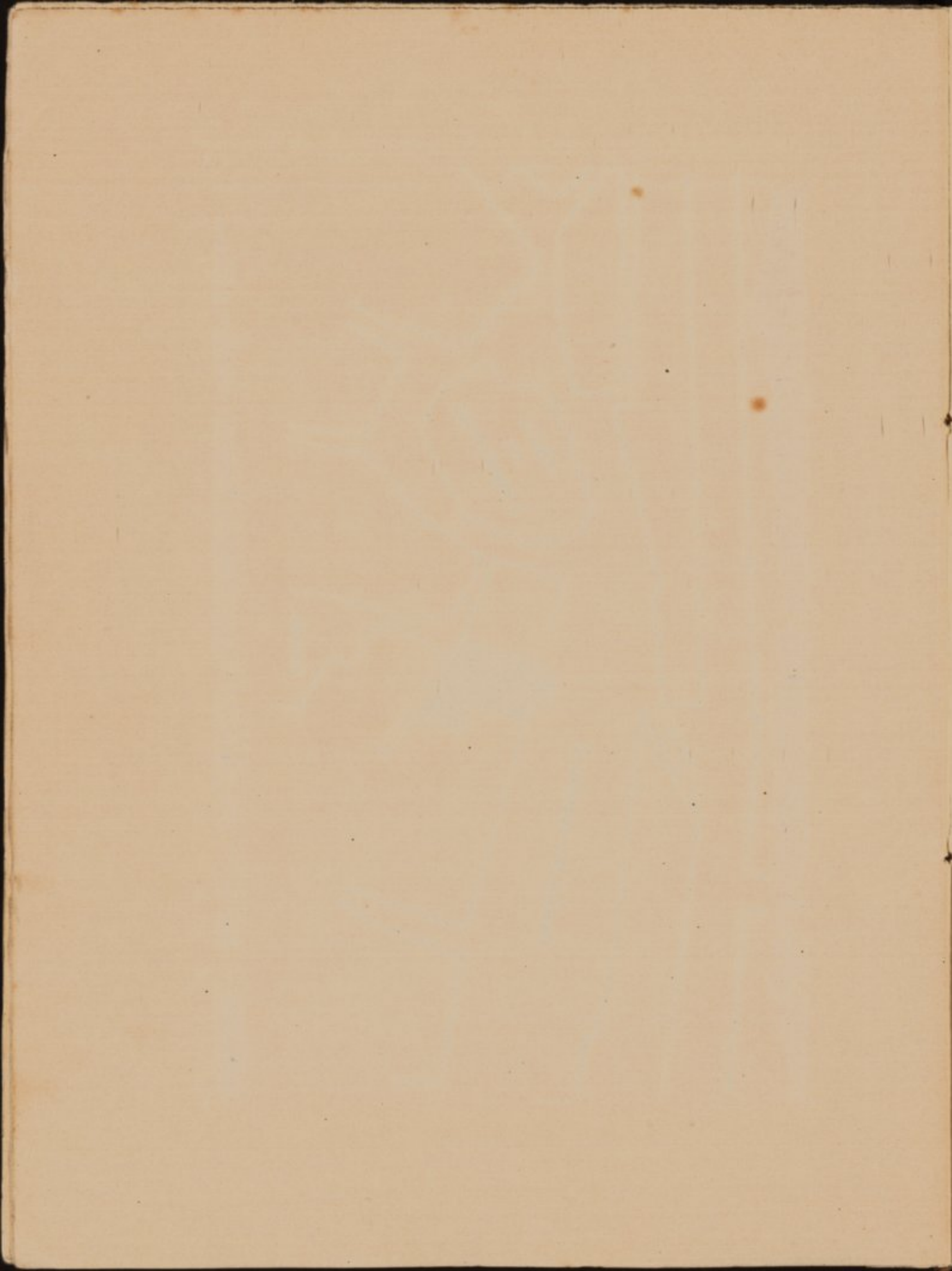
Quanto a genealogia... No final do volume irá uma vaga arvore genealogica



TYPOGRAPHIA DE M. C. DA SILVA
DEPOSITO COM DE IMPRESSOS







para que, no futuro, não haja grandes dificuldades em classificar - nem perante tão variados avós.

Do lado materno, é fácil: gente da terra, daquele admirável vale de Miranda do Corvo, cheio de vida, de beleza saudavel, Kriste pelos oliveiros mas forte pelo cheiro acre dos pinheiros; gente que cavou o terreno, que modelou o barro do Carapinhal e dos Buijos em formas elegantes, que andou á frente de bois quer a lavrar as fazendas de que tirava o pão, quer a transportar em carros chiadeiros os seus productos; gente que não tinha graça além dos instrumentos de lavoura, que nunca aspirou a sair da rede mediana do trabalho e nunca procurou horisontes que não fossem os limitados pelas curvas tão elegantes das serranias em volta.

So' um dia, por sorte, um deles, nascido já na vila cabeça do cancelho, sentiu aspirações maiores. O circulo de serras que rodeia o vale apertava-o um pouco; e de pois de vida local cheia de episodios de varia especie, largou para Coimbra, abriu um pouco as asas e ganhou fortuna.

Era meu avô materno Manuel Caetano da Silva, homem de superior inteligência, de uma vontade decidida, de iniciativa vigorosa e com oportuna visão que constituiu caso que ficou único na família e não deixou parcelas à descendência.⁽¹⁾ A Bibliografia Auxiliar de Escritório gauchou-lhe abastança e bom nome. Uma filha casou em 1875 com um funcionario dos Correios e Telégrafos que viera do Barreiro, de família de varias origens em que apparecem homens do mar, de Vila do Conde, e familiares do 1.º Officio, algavios de vaga e Loupinqua oriundo russa e polaca.

Deste casamento que julgo teve seus laivos românticos, nasci eu (cuss quatro anos e quatro meses depois) na tal sexta-feira infeliz. Logo deveria ter ouvido o monotono ruído das maquinas nos andares de baixo; e esses ruídos seriam boas indicações para a

(1) Contei alguma coisa da sua vida antes de se mudar p.º Coimbra, em dois trabalhos: Uma Litografia desconhecida, na «Miscelanea de Estudos à memoria de Claudio Basto» (Porto, 1948); e Uma Bibliografia ignorada (Em Miranda do Carvalho. 1845 a 1867) no vol. I do Arquivo de Bibliografia Portuguesa (Coimb.º 1955).

vida do recém-nascido se, como era natural, os pais não lhe aulicionassem destino superior ao de simples compositores e impressores.

E de mais a mais, nessas alturas, o operariado tipografico em Coimbra andava inteuido nas novas ideias espathadas com algum espathafato a seguir á Comuna e á 1.^a Internacional. Era o operariado mais iltrado e mais consciante; lembro-me de alguns que eram jornalistas como o José Pereira da Cruz, outros poetavam como o Delfim Gomes que deixou ainda assim uma bibliografia numerosa; houve um que já não conheci na casa mas com quem me dei de mais, o Augusto Veiga, jornalista de certo nome e se fixou na Figueira onde morreu com certa idade. ⁽¹⁾

Tudo parecia encaminhar o creancê-

⁽¹⁾ Ha pouco encontrei num romance do comunista Luis Aragon a seguinte frase referida á mesma quadra agitada: «... quelques anarchistes, pour la plupart recrutés parmi les typographes, c'est-à-dire, dans une catégorie qui a ses particularités, où s'est développé déjà une culture bien spéciale...» [Les cloches de Bâle, 3^{me} Partie, cap. V]. Citei a frase porque confirma a impressão que matine sempre acerca da classe tipografica do meu tempo de moço.

lho nesta via dolorosa. Mas não, e não sei se infelizmente.

O ambiente na família era de certa austeridade; meu avô Manuel Baetano quasi sexagenário, largára a combatividade que seu Miranda mantivera com poderosos inimigos políticos e tratava da sua casa de que se orgulhava com justificada razão. Apenas entrelinha, com calma, o velho prestigio que o levou a Procurador á Junta Geral do Distrito por vezes, onde parece que tinha voto de algum peso.

Lembro-me ainda de o ver sair com a sua polrecasaca e de chapéu alto quando ia ás sessões da Junta; subia a rua do Cego, desempunhado, com uma bengala de casa com castão de marfim; dizia adeus aos netos que estavam á janela p.^o o ver e pegava com a consciencia segura de quem ia cumprir um dever civico.

Quem praticamente dirigia a casa topografica era meu tio Albino Baetano da Silva, ainda novo, então, mas de caracter de uma pó face que se impunha naturalmente em toda a familia pelo seu porte impecá-

de cidadão, de filho e irmão dedicado e de amigo generoso.

Bons tempos.

Essa eu fui crescendo e, segundo dizia m.^a Mãe, sem grandes expansões, mais ou menos melancolicas, entreteúdo-me facilmente com quaisquer brinquedos que a minha fantasia (que foi sempre grande e muito variada) facilmente transformava. Frequentava a oficina vestido com um "libe" de riscado p.^o não sujar o fato; e os operarios interessavam-se pela minha curiosidade natural. Sem querer, isto é, inconscientemente, ia ouvindo os homens conversar enquanto trabalhavam e dessas conversas uma ou outra coisa ficava no meu espirito infantil que se ia gravando aos poucos, ora no sentido da convivencia com o trabalhador sem preocupações de hierarquias, ora no sentido da compreensão das desigualdades sociais e da justiça que continham as reivindicações quer ardidas quer violentas.

Lembro-me, até, com certa nitidez de ver na oficina, levado pelo Pereira da Cruz, um italiano de nome Esquilario (ou Esquilario) salvo erro, mestre serralheiro

contratado para a construção, então em activid.^a, da ponte ferrea da Portela, da linha Coimbra-Lousã. Era um belo rapaz, com o cabelo tipicamente revoltado, gravata á La Vallière, olhos grandes e brilhantes. Falava docemente, mas de maneira persuasiva, um português misturado com italiano e expunha com entusiasmo aos tipógrafos, as novas ideias, toda a reduzida teoria anarquista, envolvida em termos de tal modo convincentes que eu mesmo, creança sem qualquer base de compreensão, me ficava extasiado a ouvir.

Muitas vezes o ouvi e de tudo que ficou em mim bastante fundo para toda a vida.

Um dia o Esquilario desapareceu. Os tipógrafos diziam que não sabiam dele. Só muito tarde, já eu era homem vim a saber que a policia italiana o procurava porque estaria comprometido em qualquer atentado anarquista na Italia; que, logo que isto se soube, por incomfidencia, o operariado de Coimbra que o recebera e acolhera e o ouvia, se cobizou e o fezera desaparecer por meio de embarque no Porto para a Argentina. Mas a figura desse propagandista, não só pelo bom aspecto fisi-

co, impressionante, como tambem pelas
belas doutrinas que preparava, ficou-me bem
na memoria.

É tudo isto: a convivencia com o ope-
rariado e as doutrinas libertarias estao em
vaga, deixam fundo pulso no meu espirito e
nunca me esqueceram (creio eu) atravez dos
variados episodios em que me vi envolvido
ao tempo da triste vida. É tanto assim q.
mais tarde, quando comecei a comprar li-
vros, adquirei muitos de todos os propagandis-
tas e lia desvanecido toda aquella vasta litera-
tura muitas vezes sem consistencia, meram^{te}
teorica, mas que vinha ao encontro dos meus
primeiros contactos com tais ideias.

Leuero-me ainda bem de que o chefe
da officina, o Joao Gomes Pais, ficava assusta-
do, quando eu, creanca como era, lhe prepara-
va as doutrinas que suria aos operarios e, es-
pecialmente, ao italiano Esquilario; ele, todo
burguez, dizia-me que tudo isso eram erros
mas eu ria-me...

Com estas doutrinas vinha, é claro, en-
volvida a ideia da Patria; e a verd.^e é que, desde
então, fiquei sempre indissolvemente convenci-
do de que um dos males da Humanidade é a

presençação patriótica; e vê-se agora, nesta
 balburdia em que os povos se debatem, se não
 é o exagerado nacionalismo uma das bases
 dos problemas. Evidentemente que mante-
 nho, dentro de limites, a noção de que a Pa-
 tria é puramente accidental; e se, ao tempo
 da vida deixei uma vez ou outra cair qual-
 quer frase nesse sentido, noto que é tomada
 pelos circunstantes como simples paradoxo
 ou amarel contradicção. São funda está no
 espirito de todos essa magia da Patria, esse
 misticismo das fronteiras!

Misturada com tudo isto, havia ima-
 mente a repulsa pelo ultramontanismo jes-
 se ele religioso, civil ou militar; mas a Com-
 panhia de Jesus era o alvo principal de to-
 dos os ataques, uma especie de cabeça de tur-
 co não só dos avançados mas também dos
 simples burqueses liberais.

E a verd.^{de} é que este conjunto revolu-
 cionário me ficou gravado para sempre.
 A vida atenuou certas asperezas mas a
 ideia principal felizmente ficou - me e...
 ainda bem! ainda cá está.

Já não posso fixar datas para deixar
 com mais ou menos rigor cronologico as

minhas lembranças. O que vou descrever
do corresponde ao período da me.^a primeira
infância, passada entre os cuidados da fami-
lia e os começos de instrução dados numa
«mestra», uma Senhora Nicolau, na rua da
Moeda, ao fundo, em um 2.^o andar que tem
varanda corrida e que ainda existe, á direi-
ta de quem vai na direcção do rio.

Aí conheci raparigas que depois de
mulheres e em boa situação pelo casamento,
nunca deixáram de ter p.^a mim certas aten-
ções e algumas certa familiaridade.

Nesse tempo, no verão, iamnos pas-
sar algumas semanas a Miranda do Corvo,
á quinta da Cerrada da Néa, de meu Avô,
propriedade rica que era o reino dos aros da
vila. É ainda tenho presente a impressão
que me fazia a Serra que a poucos quilome-
tros se eleva quasi abruptamente, com im-
ponencia; e lembro-me também de uma
trovoada forte como sempre são no vale
mirandense, que lançou um raio na lom-
ba alta da serrania e fez estremecer a casa.

Eravam dias passados ao ar livre, a
correr pelo mitharal, a ver as levadas das
regas, a espreitar o boizinho pacifico que

com os olhos tapados fazia girar a móra com grande barulho de alcatruzes, a ir á beira do Alheda, perto do açude, ver correr a agua eude trincáram os "alfaiates" jeraltas em grande numero, para depois, vir esperar a saída do forno da tresa esfoada que minha Avô mandava coser para dar, depois de arrefecida, com manteiga, aos netos. Que ainda nostálgicamente a entreter-me no pequeno jardim de luxo que havia entre a casa e a móra, jardim que tornava, para a minha imaginação, proporções desmesuradas.

Era um destumbram.^{to} o nascer do sol, dos lados da Laureã, que tinha bater na casa onde dormia no 2.^o andar. A terra dançava-se, então — e é desse tempo que me ficou a afeição ao admiravel vale, á cordilheira imponente que ali corre, á propria vista que aliás não tem atractivos, conjunto que me deixou impressões fundas na memóri^a e que ainda me commove quando o acaso me leva á sua contemplação.

Meu tio Allino da Silva apparecia por lá, aos sábados, e levava sempre um ou outro amigo. Lembro-me de que, certa noite, de luar bem claro, ouviu-se a distancia

um sago concertó que parecia de flautas; estávamos na varanda da casa, corremos pelo caminho que ia e ainda vai dar á estrada e tomámos com uns quatro ou cinco tocadores de ocarina de barro, sonorizando tanto quanto possível qualquer musica sentimental. Não sei já dizer quem eram todos os componentes; só me lembro de que no grupo estava ~~meu~~ meu tio Albino da Silva, meu tio João Baetano, e Antonio Augusto Gonçalves que gostava muito destas partidas e talvez meu tio Francisco Pimenta (que estudava direito em Coimbra) e também ás vezes aparecia.

Foi uma festa para todos — festa que hoje se não comprehende, nestes tempos tão civilizados; eram apenas simples divertimentos e tinham certo aspecto patriarcal que meu Avô Manuel Baetano primava em manter.

De tudo isto nasceu em mim a afecção áquelle admiravel conjunto de vale e serra, afecção que me levou celeramente, mais tarde a querer fazer-lhe a historia como, se viver vida, ainda contarei nestas paginas, para descargo de consciencia e, já agora, maior e mais completa veracidade destas memorias.

Depois, aos 8 annos e uns dias, por motivo de promoção de meu Pai a 1.º Official e colocação na Madeira, fomos até ao Funchal onde estivémos uns oito mezes. Escrevi, ou me ditaram, já me não lembro, um li-
vrinho cartonado que me ofereceu o João
Gomes Pais, chefe da officina, o que aqui vai
adante.

E fica por simples curiosid. além de
dar ~~meus~~ certos infernos que estão certos:

« Embarcámos no dia 6 de Outubro
de 1887, quinta-feira, no vapor Sepola. Le-
vantei ferro o vapor ás 10 h. da manhã e
saímos a barra de Lisboa ás 11 h. pouco mais
se meus. Fizemos uma viagem magnifi-
ca e ás 3 h. da tarde já não avistavamos ter-
ra. No dia 7 não avistavamos terra nem vi-
mos navio nenhum. No dia 8, ás 6 h. da
manhã avistavamos a Ilha do Porto Santo
e um navio, ao norte, á vela. No sul avis-
tavamos 4 navios grandes, a vapor.

« Pouco depois vimos a Ilha da Madei-
ra. Ás 8 h. da manhã passámos em frente
da Ilha do Porto Santo. Ás 9 passámos a
Ponta de S. Lourenço e ás 10 avistámos a

cidade do Funchal. Eram 10 h. e meia quan-
do o vapor fundeu no porto dando um tiro
de peça.

« Logo seu seguida a nós fundeu a es-
quadra inglesa que de manhã tínhamos aris-
tado ao sul. Apenas o vapor fundeu foi
cercado por grande numero de botes pequeni-
nos nos quais os rapazes pediam um tostão
que se deitava ao mar e eles mergulhavam
a apauhar o dinheiro.

« Desembarcámos ás 11 h. e quando
chegámos á praia que é de pedra (chamada
cathau) foi o barco puxado por bois até es-
tar fóra da agua. Fomos depois num carro
seu rodas puxado a bois para a casa da rua
das Mercês onde ficámos hospedados. Era a
casa das Senhoras Teixeira.

« Tenho dado alguns passeios á Lezí-
da de S.^{ta} Luzia de onde vim num carro do
monte; já fui á Ponte Monumental, á Pon-
tinha, á estrada nova, ao Lazareto. Tenho ido
tambem á Associação Commercial de onde se
vê o mar e os navios. Fui a bordo do es-
cajado italiano Lepanto, muito grande e
muito bonito. Numas quinta-feira (mas
sei quantos de Maio, fomos a um sítio cha-

uado o Monte, fomos á fonte de N^{ra} Senhora. Nós comemos e bebemos na fonte. E cum Domingo fomos passar o dia a uma quinta chamada Pedra Mole, fomos erau 7 h. da manhã, almoçámos e jantámos; viemos para baixo erau 8 h. da noite.

« N. 4 de Junho viemos para ~~para~~ Lisboa; a viagem foi pessima, muito mar e vento de prôa. »

No livrinho, o João Pais mandou imprimir, á maneira de rosto: Recordações do Funchal (1887-1888) e no fundo da pagina, como se fosse livro impresso: « Coimbra. Typ. de M. C. da Silva. »

É claro que nesta copia não ficaram os erros de orthografia commettidos pelos meus oito annos, mas ficaram as palavras todas.

Mas hoje, apesar dos quase 70 annos de distancia ainda posso dizer mais alguma coisa do que deixei no livrinho. Ainda tenho nos olhos a impressão de deslumbramento ao avistar, do lado da ponta do Garajau, o anfiteatro da cidade e toda a maravilha do conjunto; o desembarque no calhão, em barcaça de tres velhas puxada por bois, no

meio da espuma das ondas; a descida vertiginosa em carrinho, da S.^a do Monte, que me entusiasmava sempre; os passeios para os lados da Pontinha onde então ajudavam a lançar grandes blocos de cimento para a construção da muralha que havia de ligar o ilheu a terra e fechar o porto de abrigo; outros passeios pela estrada de Camara de Lobos até á chamada Ponte Monumental em tão aiuda nos simples; as idas á Quinta da Pedra Mole, da familia Pereira, bondosa gente que nos recebia sempre de braços abertos, quinta na encosta, quase no nível da S.^a do Monte, de onde, em certa tarde de admiravel limpidez de atmosfera, eu vi com oculo de lobo alcance, o Pico de Tenerife surgir, como pequerrinho triângulo, no horizonte marítimo. De tudo me lembro ainda com mais ou menos felicidade.

A familia Pereira que tão bem nos recebeu e era gente extremamente bondosa, tinha em Lisboa um filho, official de Artellaria Cesar Estanasio da Silva Pereira que fôra seu discipulo na Politecnica de meu tio José Augusto Pimenta e que nos recomendará. As relações foram de tal modo aceites que ti-

cámos amigos para sempre. Passámos em casa deles a noite do Natal de 1887; e tenho presente a melancolia que me invadiu toda a noite até me provocar as lágrimas. Os donos da casa preocuparam-se com a minha tristeza; julgáram doentes, qualquer mal-estar. Mas não era: invadiram-me recordações de Coimbra e em especial de mi.^a Avó Leonor. E eu chorei...

... Eram os pronunciados da minha triste vida.

Durante o tempo que permanecemos no Funchal frequentei o Colégio de S. Jorge, de ingleses, dirigido por senhoras que a esta distancia de 70 anos, me dão a impressão de que eram freiras. Conserveo ainda desse periodo uns recibos, exercicios e notas de comportamento que ficaram guardados no meu lugar por curiosid.^a e ... p.^a a Posteridade.

E foi tambem durante esse tempo que estive na cidade uma tuna espanhola que, se me não ia ao vinho das Canarias. Desembarcou e andou pelas ruas tocando. E lembro-me de que ouvi a valsa Dolores, creio que de Waldteufel, musica de 3.^a me nunca esqueci; ainda hoje, ao ouvi-la tocar ou a ou

vi-la no aparelho de radio, me reme á memoria a passagem desses rapazes na rua dos Ferreiros, por debaixo das janelas da nossa casa de que era proprietaria a viscondessa de Duquesa. Ainda guardo uns recibos de renda pagados por um Diogo de Sousa Drummond, seu representante ou procurador.

E foi tambem durante a permanencia na Madeira que possivelmente se me revelou a bossa de escrevinhador. Tenho, neste momento, em frente, um exemplar (creio que unico, certamente) dum jornal manuscrito a lapis As Novidades, datado de 18 de Marco de 1888. E' o primeiro documento da faina em que me meti depois, pela vida fora, tão inpletariamente. Consta apenas de noticias do movimento do porto, anuncios dos navios que partiam e chegavam, anniversarios e ... pouco mais.

Tenho eu, pois, oito annos e mais, pouco mais ou menos quando me meti a jornalista...

No verão de 88, como meu Pai foi colocado em Vizeu, regressámos a Lisboa. Na tarde da partida, ainda estau a ver entre a melina o vulto da ilha do Porto Santo, que eu fixei da ré do vapor Funchal, adormado a esti-

bordo devido ás melas latinas desfealdadas
por causa do mar bastante picado.

Na noite da chegada a Coimbra, estáva-
mos a jantar com a familia quando, no pa-
taamar da escada rompeu um concerto infer-
nal: meu tio Albino da 5.^a reunira uns
amigos entre os quaes Antonio Augusto Gon-
calves, Eusebio de Castro, Augusto Pais,
musicos e não me lembro mais quem, e ca-
da qual com seu instrumento como trombo,
cornetim, trompa, ferrinhos, fizeram a ba-
rulheira e surdecedora de que, até, minha
Mãe se assustou desagradavelmente.

O Eusebio de Castro soprava numa
trompa antiga, talvez do rec.^o XVIII, hoje no
museu de Machado de Castro, muito melhor
de si. Essa trompa deu ensejo para um
desenho de mestre Goncalves que eu conser-
vo com interesse, allusivo a uma saga So-
ciedade do Serpenteão cujo nome vem da
trompa petecentista que terminava por uma
bocarra de serpente.

Bons tempos! Pacificos e inofensivos.
Com o regresso a casa, voltei á vida
anterior de convivencia com o operariado

da tipografia e comecei a frequentar a aula de instrução primaria dum Verissimo Portu- gal, considerado bom professor, com casa na Calçada (ou rua de Ferreira Borges) num 1.º andar. Ainda estou a ver o homem, entron- cado, estatura média, rosto fino com pouco pa- pado, com nariz afilado; já nada novo, costumava dar as suas lições em pé e passean- do; tomava o seu papel a sério, ensinava bem, embora misturando o ensino com dó- ces de palmaria que applicava com certa for- ça. Era casado com uma creatura mais me- lha do que ele, verdadeira megera que mu- tas vezes, nas curtas ausencias do marido e ao ouvir barulho superior ao consentido, de- via descomposturas tremendas com rozeirão de homem e improperios de arcebispo — o que para a garatada era gaudis.

Teve este professor algum tempo por ajudante um certo Lima Duque (de nome com- plete Abilio Albano de S. D.) que julgo ter o cur- so de professor primario e como tal assis- tente na m.ª escola. Era m.º miope e, ape- nar de dar atenção aos rapazes e trata-los com brandura, passava o seu tempo a ler, como quem não nasceu p.ª ensinar meninos. De-

pois dedicou-se ao jornalismo e deixou bastante livros de variados assuntos, possivelmente seu grande valor. Era inteligente, bastante vivo, mas espirito inquieto e volúvel como se vê pelos inumeros trabalhos que publicou. Era irmão do medico Julio Terrestre de Lima Duque que, antigo e liberal politico monarchico veio a ser ministro da Republica.

Tambem durante algum tempo ajudou as aulas uma rapariga, já professora, de nome Felicia, muito morena, com olhos negros, creio que estagiaria ou a praticar; tinha muita paciencia para os rapazes e dominava bem o conjunto mais ou menos belizoso com delicadeza e boas palavras. E tenho ainda hoje a impressão de que seria talvez esta creatura meiga e bondosa e de grandes e expressivos olhos ~~os~~ negros a primeira aparição feminina que entrou na minha fantasia, com a ajuda de alguns globulos sanguineos dos meus ascendentes algarvios porventura oriundos de vago tronco maurasco. Seria ou não seria...

Lembro-me de que foi nessa aula de Portugal que eu tomei gosto pelas leituras da

prosa do P.^o António Vieira, principalmente nas cartas, por Sr. Luis de Sousa, por Dom Franc.^o Manuel, Heitor Pinto, João de Barros, Jacinto Freire, Alexandre Berculario, Garrett, Rebelo da Silva, Castilho e muitos outros escriptores que eram lidos e avaliados grammaticalmente nos Livros Selectos de A. Cardoso Borges de Figueiredo — cujo exemplar, que ainda conservo, folheio e leio uma vez por outra com certa commoção.

Quero tambem lembrar a coincidência, nesse tempo, que Trindade Coelho tinha com meu tio Albino da Silva, bem como a amizade que ligava este meu tio com o escriptor António Fagça, poeta, morto prematuramente com 25 annos em Novembro de 1888.

O autor dos Meus Meus era espirito alegre; lembrero-me bem de que o seu vizinho era sempre, lá em casa, rival de bom agouro e quando eu estava presente contava-me historias e anedotas. Dessa coincidência veiu que, muitos dos seus escriptos literarios da quadra foram firmados pelo pseudónimo Belisario — em minha homenagem, conforme dizia e era tradição

na família.⁽¹⁾ E até naquele livro de contos deixou uma referencia a respeito á Typografia no cap. II da Comedia de Provincia⁽²⁾

Quanto ao poeta Antonio Fagaca, era outro genero: triste, romantico, talvez por presentimento do seu prox. fim. Era «um» menino de alma branca» como lhe chamava Alberto de Oliveira.⁽³⁾ Teve uma paixão pela certa rapariga não sei se costureira, de que me lembro bem por a ver, na Praça Velha, em conversa com elle; era rapariga palida, de grandes olhos negros, que fizera o papel de protagonista numa revista chamada Coimbra em falda, levada por amadores creio que no velho teatro D. Luis. Como a peça teve certo exito e ella mostrou vocação teatral ficou sendo mais conhecida pelo nome da revista do que pelo do baptismo.

O Poeta entre-tinha-se, muitas vezes, a conversar comigo quando ia á Typografia

⁽¹⁾ Usou este pseudonymo durante dois annos segundo conta na sua autobiografia {Auto-Biografia e Cartas, Lisboa, 1910, a pag. 18}.

⁽²⁾ A pag. 97 da 2.ª edição, que é a que preservo: Lisboa, 1874, da Parceria Ant.ª Maria Pereira.

⁽³⁾ Poesias, pag. 105-106 (Coimbra, 1891). Diz tambem q. foi «o ultimo estudante de Coimbra»

para reuer as provas dos seus Versos da
Mocidade feitos em honra da dita rapariga.⁽¹⁾
Era affectuoso, delicado, sempre com ar tris-
te; e um dia fez-me uns nervos...

Eu conto:

Por essa altura da vida deram-me
uma bicicleta (ou velocipede, como se dizia em
vão) não me lembro já se meu Pai se meus
Tios, bicicleta pequena ainda com a barra-
cha maciça nas rodas; exercitei-me na es-
planada da quinta de meu tio João Baptista,
à Guarda Lylesa p.^a onde iamos muito mes.
Ora meu tio Albino da Silva pediu ao Pedro
Cardoso, tipografo e jornalista republicano
m.^{to} das relações lá de casa e se dedicava ao
ciclismo então nascente, para, uma vez por
sempre me acompanhar em uns pequenos
passeios pelas estradas dos arredores. Acon-
teceu que, em certa occasião eu, já me não
lembro onde meu porquê, dei um trambai-
thão aliás sem consequencias. O Pedro Car-
doso ficou atrapalhado porque se poderia jul-
gar pouca atenção para com o menino na

(1) Versos da Mocidade (1883 a 1887), 1.^a edi-
ção, Coimbra: 1892, Tip.^a de M. G. da Silva.

arte de "estradiismo", como hoje se diz. Ao chegar a casa, contou-me o incidente; o Antonio Fagaca estava lá na ocasião e escreveu logo duas quadras que me entregou:

« Velocidade tratante
 Parece que andas com oôno
 Que meu conheces o dono
 Que é rapaz elegante...

Não me deites mais abaixo
 Deuas ponho-te num bife!
 Meu refinado patife!
 Meu refinado barracho!

Estes versos, inéditos, é claro, deixei-os escritos no n.º 2 do jornal manuscrito As Novidades, feito em Setembro de 1888 e têm a data de 4 deste mês. O Kaambulhas e a poesia ficaram assim identificados.

Quando o Poeta morreu em Novembro daquele ano, houve na família grande pesar. Ainda estou a ver meu tio Alino da Silva, bem comovido, a pôr gravata preta para ir ao enterro do amigo.

Também por este tempo frequentava muito a tipografia o estudante brasileiro de nome Francisco Bastos. Lembrou-me bem

dele, pequeno, com côr macilenta, muito vivo e alegre. Meu Tio Allino da S.^a gostava dele e quando publicava o Jornal para todos, da serie de 1837, muitas vezes lhe pedia uns versos para acompanhar certas gravuras. Ele, rapidam^{te}, fazia umas quadras ou qualquer outro genero de poesia que assinava com as iniciais L. P. Tambem deixou artigos literarios no mesmo Jornal e outros para explicação de gravuras, todos assinados com as mesmas iniciais.

Igualmente meu Tio lhe pediu colaboração para um Almanach de Curiosidades para 1871 que lançou como reclamo da casa; lá vem com as mesmas iniciais varias poesias e prosas e, possivelmente, outros com varias assinaturas completam^{te} desconhecidas e que disparariam a colaboração. Não o posso, todavia, afirmar.

Depois de formado em Direito foi para o Brasil onde morreu novo e, segundo correu, assassinado. Em 1879 o dr. Rodrigo Veloso publicou um volume de Versos desse alegre e desvolto rapaz que euclia de vida a sala da Tipografia quando se lembrava de aparecer. A edição destes Versos foi feita em Barcelos e com tiragem de 100 exemplares o que foi.

na os exemplares raridade bibliografica. São dele tambem duas poesias que adiante deixo aqui arquivadas quando me referir a um parau do Ginasio em que tomei parte.

Falei acima do n.º 2 d'As Novidades... Foi o ultimo. E reparo que ha nele uma referencia a Antonio Augusto Goucalves que, ao tempo se abalancára á celebre fabrica de loiça que tanto desgosto e prejuizo lhe deu. Abria barraca na feira de S. Bartolomeu que entao se fazia com grande concorrencia, de 20 a 31 de Agosto; e parece que chamou a atencao dos feirantes e dos coimbricenses para o novo tipo de loiça. Na segunda pagina do jornal vejo esta noticia que vai transcrita *ipsis verbis* e *ipsis littera*:

«Grande ilogio. O Ex.^{mo} Sr.^o Antonio Augusto Goucalves tem feito um grande negocio na sua barraca por ser umas das melhores loja cá da cidade de Coimbra. O Sr.^o Antonio Augusto Goucalves o grande professor de desenho como se nunca se vio nesta cidade.»

Este arrazoado é lueu o reflexo do juizo tipico de Mestre Goucalves na familia e da minha balbuciante bossa (e infeliz bossa!) de escrevinhador.

É assim, monotónamente, sem alegria, fui crescendo; e digo sem alegria porque me recordo bem de certos períodos de tristeza que me invadia, que levava a pensar-me no não dumo janela da nossa casa de mãe que deitava para o tecto e a ficar ali, a olhar os telhados, inactivo, horas seguidas. É assim fui andando até às alturas do primeiro exame — primeiro degrau da longa escadaria que teria que subir para chegar a ser alguém.

A escadaria, no começo, era comum a todos; lá fui subindo melhor ~~ou~~ em pié. Mas depois... ai de mim!... Depois, eu ganhei-me no carrinho. E o espaço foi tremendo.

Começa agora com o meu prim.^o exame um novo e importante período da vida.

A 4 de julho de 1890, tinha os 10 anos da regra, fiz o meu exame da Câmara, como então se chamava por ser feito no edificio municipal, esse primeiro degrau da longa escadaria. Os examinadores, presididos por um inspector que, se me não enganar, era um Duarte Dreesa, alto, imponente, de grandes barbas negras m.^{to} cuidadas,

eram professores primarios e lembro-me de q. foram o José Pereira Maduro, do Lugar do Lapão, freguesia de Miranda do Corvo, então em Cernache dos Altos e o António Avelino, de S. Silvestre, um pobre homem que ficou sempre meu amigo. Fiquei aprovado e mereci os parabens de meu Avô materno nessa altura transmitidos, de Miranda, em bilhete de visita que conservei e reproduzo:

« Ex.^{mo} S.^r Belisario / Pelo seu desvelo, alviter e prez.^o d'esp.^o / Manuel Caetano de Silva / A dar parabens. »

Lembro-me muito bem, até, de que no interrogatório de moral perante uma pergunta a que não sabia responder, tive esta saída que não foi, certamente, por esportezas:

— Isso não vem na minha Moral...

Referis-me, é claro, ao compendio. O presidente, rolou, cofiando as barbas, olhou vou pouco mais ou menos isto:

— Vejo que o menino tem uma moral diferente...

Riram-se, eu ri-me também e o exame continuou.

Depois de férias passadas na Serra da Nôra, continuei na aula do Veríssimo Portugal a preparar-me para o segundo degrau da escada da Salvedoria: a admissão ao Liceu. E com efeito, a 22 de Abril de 1891 lá fui ao exame, no edificio de S. Bento. Não tenho ideia dos examinadores e até varreu-se-me da memória o acto, ao contrario do que aconteceu com o primeiro.

Com estes dois exames estava apto para frequentar o Liceu. Porém, na familia, não quizeram que me matriculasse ali e frequentei o ensino particular. Nesse primeiro anno liceal as disciplinas eram o Português e o Francês; a primeira, não me lembro bem, mas quero crer que foi ainda o Veríssimo Portugal que me a ensinou; mas na segunda, no Francês, foi meu certo Fulgencio Cardoso que me preparou e passou bem. Este Cardoso era homem alto, magro, que usava lunetas; tinha ar distinto, andava sempre muito bem vestido e gozava da fama de ensinar bem, como na verdade ensinava. A aula era na rua da Calçada (ou Ferreira Borges) num 1.º andar onde hoje está, se me não engano, a livraria

lunha. Foi isto no ano lectivo de 1891-1892 andava eu nos meus 12 anos.

Ora até esta altura ha ajuda que contar antes de seguir avante com a minha educação literaria.

Lembro-me bem da proclamação da Republica no Brasil e do entusiasmo que nos operarios da Tipografia causou esse triunfo da Democracia. Eu saboreava os comentarios que faziam e os prognosticos relativos á repercussão favoravel do acontecimento na politica republicana no nosso país.

Recordo-me tambem da commoção causada pelo ultimatum inglés de 11 de Janeiro de 1890; do aparecimento do Hino Patriótico A Portuguesa que se tocava, cantava e associava por toda a parte; das concentrações de estudantes na Praça do Comercio para se quirem em cortejo não sei já para onde, aos vivas e, principalmente, aos «vivas á Juplterna», concentrações dirigidas ou impulsionadas por um grupo predominantemente de rapazes republicanos em que se distinguia a figura romantica de Antonio José de Almeida (frequentador da Tipografia, amigo de Mes-

tre Gonçalves e de meu tio Albino da Silva) e
 teve assim o austero Augusto Barreto, estu-
 dante de Direito que, por ser baixo quando da-
 ra vivas ou guerras punha-se no bico dos
 pés, ou o íntegro Silvestre Galvão, de Medici-
 na, ou João de Meneses, de Direito, e tantos
 outros que depois se distinguiram.

Havia invariable a repulsa pelo proce-
 dimento implêo e celebrávam-se com entu-
 siasmo um tanto ou quanto inconsiderado
 (como é costume português) os actos de carac-
 ter patriótico de certos officiaes nossos em Mo-
 çambique como Paiva de Andrade, Azevedo
 Coutinho e outros. Veiu depois o entusiasmo
 da subscrição nacional, e para ella realizá-
 ram-se umas recitas no teatro de D. Luis e
 outras festas. Na tipografia fizeram-se
 varios programas, imprimiram-se poesias
 de que ainda guardo algunos exemplares —
 como por ex.º da poesia do traviteiro Rinto de
 Rocha, em folha solta, intitulada Canthas! ou
 de outra que saiu anonyma A abardagem do
chaveco (mas que era do estudante de Direito
 Alberto Osorio de Castro) impressa em tira
 de papel com as tres cores francezas, azul,
 branco e encarnado, como protesto utilida-

mente anti-monárquico. Foi uma quadra memorizada de que a m.^a memoria conserva bastantes episódios

Eu, levado pelo ambiente de enthusiasmo, até fiz um suplemento ao n.^o 24 do meu jornal manuscrito O Marítimo (de que falarei adiante) num quarto de papel escrito a tinta vermelha, vibrante de indignação; deveria ser em 17 de Março e anunciava a occupação do Chile pelos ixtleses, dava novas a D. Carlos e terminava por um viva a República, em letras grandes...

Talvez me deça fixar um caso que não sei se ficou esclarecido. Guerra Junqueiro fez uma poesia dedicada ao official de marinha João de Azevedo Coutinho em quadras de 7 sílabas que começava assim:

« Não basta um crachá no peito
Do teu valor indomável.
Um rei sem reino, o direito
Faz-te hoje o seu castelvel. »

Esta poesia, com 14 quadras, datada aos 14 de Março, foi impressa na Tipografia Operaria de Coimbra, em cartolina leve, ligeiramente cor de rosa na frente e branca no verso. Pos

seu um exemplar que, por ser muito raro, ofereci ao Arquivo Histórico Militar, há anos, no tempo ainda do Ferreira Lima onde deverá estar arquivado.

Ora o que eu queria fixar é o seguinte: quando em 1920 Junqueiro reuniu em volume certas poesias dispersas ⁽¹⁾ está a que me refiro, incluída a pag.^a 159-162, com a epigrafe: «A um herói-redeutor que vi em sonhos.» É que Azevedo Coutinho pouco antes, em 1919, metêra-se nas aventuras monárquicas contra a República e fôra o causador^{to} visível no episodio de Monsanto. Junqueiro não teve coragem de novamente celebrar o herói do Chile...

Depois veio o 31 de Janeiro de 1891. E tenho bem presente a cêna que se deu comigo ao ouvir meu tio Alino da Silva dizer que estava proclamada a República no Porto. Talvez não fique mal aqui, para não estar a fazer nova descrição, a copia do que em 1951 escrevi no caderno diario correspondente

(1) Poesias dispersas, 8.^o de 186 pag., Porto, 1920, ed.^{ção} de Livr.^{aria} Chardron, de Lelo & Irmãos, L.^{da}

dente a esse dia. Foi escrito, certamente, em dia de bom-humor:

« Lisboa: Janeiro: 31:

« Ha sessenta annos... Lembro-me bem! Morávamos ainda no 2.º andar da casa da Praça do Comercio onde nasci; senti meu tio Albino da Silva subir a escada, apressado e dizer com ar alegre que no Porto estava proclamada a Republica.

« Eu, que vivia em authenticamente republicano e o senti apesar de criança fui ao patamar da escada e gritei:

— Viva a Republica!

uma ou duas vezes. Meu tio que entrara no quarto dele que deitava p.^a os lados do Romal, lavava as mãos e ria-se; debaixo, do primeiro andar, surgiu a cabeça do João Gomes Pais, o chefe da officina, que, com ar de grande atropalhacão me disse para cima:

« Oh menino! esteja calado!... Olhe a policia.

« Era a voz do bom senso a aconselhar a necessaria prudencia, enquanto se não souberse, á certa, o resultado da revolta. Como falei em policia, eu, naturalmente, hi

Vimidei - me e meti o entusiasmo no pa-
co...

«O que teria acontecido? Lá em casa e,
principalmente, na oficina, havia verdadeira
ansiedade. Venceram? não venceram?»

«Lembro-me bem da consternação á
noite, quando se soube da derrota. O João
Pais bem me dizia:

«— Memino... olhe a policia...

«Bons tempos!

«Sessenta anos... E eu ainda ando por
cima desta miseravel crosta terrestre!»

E foi, realmente, assim. Lembro-me
bem. E lembro-me tambem de que, na
noite de 30 para 31 de Janeiro um grupo de es-
tudentes repuseram a meu Pai, então chefe dos
servicos no distrito, a estação telegrafica per-
manente, cumprindo as formalid. legais.
Como a revolução se gerou, meu Pai foi in-
terrogado acerca de quem eram os estudantes.
Meu Pai respondeu q. não conhecia nenhum
e esta resposta foi sempre lembrada por os
rapazes á frente dos quais estava Antonio
José de Almeida, Silvestre Falcão, Pires de
Carvalho e outros. Em Outubro de 1910, na

ocasião em q.º o Dr. Ant.º José de Almeida, já ministro do Interior, veio a Coimbra, ainda me falou no episodio com palavras de reconhecimento.

Eram bons tempos, realmente.

E a propósito de 31 de Janeiro, ha uma coisa que estranho quando se fala dos movimentos literarios e dos movimentos politicos dos fins do seculo passado.

A chamada « Geração de 90 » é muito falada e discutida na nossa historia literaria; parece não se fala numa outra geração paralela, perfeitamente contemporânea, de caracter politico revolucionario que veio, vinte annos mais tarde, a constituir os primeiros quadros dos governos republicanos saídos da revolução de 1910.

Essa outra geração era igualmente notavel e apesar de se celebrar o espirito racionalista e tradicionalista da geração literaria, a verd.º é que, segundo julgo, a revolucionaria te-la-ia influenciado em parte; como disse depois Ant.º José de Almeida⁽¹⁾ eram « revolucionarios românticos como se

⁽¹⁾ Desafronta, pag. 51.

"se surpizemos em 20..."» esses rapazes q. constituíam a aguerrida falange.

Muito lierei meu leuero da republica mismo de Alberto de Oliveira (que morreu monarchico e catolico); de certo espirito inconformista de Euzébio de Castro, revelado com recato e na intirmid. e depois negado es- traudosamente.

Nessa geração revolucionaria havia por ex.º o estudante João de Moraes que, com Euzébio de Castro estavam na direcção da revista literaria Insubmissos e de tambem appareceu e muito o brasileiro Francisco Bastos e o salvo erro Silvestre Falcão.

Slavia, pois, grande ligação entre essas duas gerações contemporaneas e parece-me que o estudo do agrupamento literario de eu de saiu o pretencioso pseudosismo e o baloto neo-garrettismo (embora desfrido «da cora- "gem civica de Garrett" (1)) não deveria ser feito sem o estudo da accão desse outro agrupamento q. foi verdadeiramente digno de nota e estudo e que usou, em grande parte e

(1) Agostinho da Silva: Notas sobre Almeida Garrett e as suas doutrinas esteticas, a pag.º 50 - 54

um pouco mais tarde, a agitar o problema político do País.

É foi essa agitação política que levou os governos a procurarem desunir a Academia e, segundo aqui sempre dizer, foi o Esmidio Navarro quem sugeriu o plano de oferecer um grandioso teatro acadêmico novo para substituir a velha casa de espetáculos, que servia de ponto de reunião e coesão dos rapazes. Para construir esse edifício cujo plano foi confiado ao notável arquiteto italiano Nicola Bigaglia, era necessário, porém, derreir o outro...

Assim se fez. O velho teatro acadêmico foi deitado abaixo, fizeram-se os alicerces do novo e... pronto. A edificação foi esquecendo, vários sucessos políticos se sobreporam e o terreno assim ficou até 1913, salvo erro, ano em que se começou a construir a Faculdade de Letras.

Um estudante do meu tempo, Faria e Maia, toca neste assunto com verdade e independência num tiruro de memórias;⁽¹⁾

do n.º 585 da Seara Nova, n.º de Outubro de 1938.

⁽²⁾ Francisco de Ataíde Machado de Faria e

e de facto a geração revolucionaria teve grande influencia no tempo e pesou bastante no emaranhado da politica.

Eu era criança, mas a verd.^d e' que via e ouvia e fixava e muitas vezes ainda, em casa de meus Pais, no 2.^o andar, notava os comentarios de meu tio Almino da Silva a certos episodios passados com os poetas e homens de letras, e com os republicanos — pois com todos meu tio se dava e m.^{to}s frequentavam a casa.

Orá paralelamente a estes successos politicos que ficaram na m.^a memoria bem marcados, porque as reacções lá em casa, ~~em~~ como ambiente proprio, eram sempre grandes e deixaram-me, para a vida, influencia benefica — houve outros que não deixarei de lembrar porque entraram no quadro complexo dessa primeira fase da minha existencia e foram grandes constructores da minha mentalidade.

Mais: A minha velha pasta. Tempos de Coimbra.
Gente do meu tempo (1896-1901), a pag. 50-52. Conheci m.^{to} bem o autor, jovem, elegante, loiro. Chamáram-me a «arca espiritual do Caudido Guerreiro» seu companheiro assiduo.

Quero referir-me, por ex.^o, a' convivência com o Exuperio de Castro, Alberto de Oliveira e Manuel Gaió, principalmente. As vezes meu tio Albino Caet.^o da Silva levava-me até ao vizinho Café Marques Pinto e lembrava-me que, de uma ocasião, nos sentámos a uma mesa onde estavam reunidos uns es- tudantes entre os quais o Antonio Hornem de Melo (o Fay) e o Carlos de Mesquita. Este ac- tivava de escrever, em lixquados, qualquer ar- tigo e, a pedido dos circunstantes, entregava os lixquados a outros e repetiu ipsis verbis o q.^o tinha escrito.

Este Carlos de Mesquita tinha memoria privilegiada e ao tempo celebrada entre os na- zares. Recordo-me de que era forte, ~~era~~ com cabeça grande, já usava uma pequena jaqueta e andava sempre taciturno. Foi depois pro- fessor da Faculd.^e de Letras quando esta se orga- nizou em 1911 ou 1912 e morreu novo.

Mas aqueles tres acima citados, como frequentavam a tipografia porque tinham as suas obras a imprimir na casa, eram mais conhecidos — assim como o dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcelos, amigo de meu tio Albino da Silva de quem fora condiscipulo

e propósito que compaunheiro de aventuras recatadas antes de se encaminhar para a Teologia em que se formou.

Disse-me meu Tio Albino da Silva, já bastante mais tarde, que este dr. Vasconcelos, seu estudante, era um rapaz alegre, em tudo nada estúrdio e tivera uma paixoneta pela irmã do poeta Antônio Fogaça; que essa paixoneta não se limitou a termos platônicos e q. a rapariga veio a morrer tuberculosa, antes do inuão, sem realizar o sonho do prometido casamento. Esta morte fez grande impressão no Vasconcelos; e quando este voltou para estudos, passadas as férias seguintes ao desaparecimento dela, vinha mudado, concentrado, um pouco misantropo e resolvido a cursar Teologia, como cursou. Meu Tio dizia-me, particularmente, é claro, que nunca tomou muito a sério a reviravolta do seu condiscipulo pois se nos primeiros tempos houve alguma sinceridade no comportamento, a verdade é que essa austeridade dentro em pouco desapareceu e, com o tempo, sabe-se bem o que foi a sua vida de "mecho."

Mas, como dizia, o Euzébio do Castro e o Alberto de Oliveira frequentavam a

caso e como eu, fóra das horas do estudo ou das aulas andava sempre pela tipografia, encontrava-me muito com eles e curia-os.

O Alberto de Oliv.^a era então republicano, pelo menos é o que se desprendia das conversas; e o Eugénio se bem que censurador por natureza e com grossarias de fidalgo, deixou-me a impressão de espirito livre e bastante inconformista — liberd.^o de espirito e inconformismo que depois não manteve. O que o Alberto de Oliveira tinha de alegre, vivo, espontaneo, no Eugénio havia calma, ponderação, aspecto quasi conselheiral. É certo que este tinha, ás vezes, saídas um tanto ou quanto aporofadas, comentarios picarescos e irreverentes que destoavam do seu ajurumo aristocratico — o que mais tarde, quando já homem e o comecei a ver com outros olhos, se traduzi por completa falta de sinceridade.

O Alberto de Oliveira, com os seus 19 para 20 annos, parecia mais velho mas era sempre o mesmo alegre, sincero e sério; o Eugénio não: debaixo daquelles modos finos e da correção de palavras, havia insinceridade e bastante maldade, como depois, pela vida fóra, se prova.

Leandro-me de que um dia meu tio Allino da 8.^a procurou saber a significação de certa poesia dos Ovistos ou das Floras em São em trabalho de composição na oficina; ele explicou de qualquer modo que não fixei em não perceber e terminou por dizer que a poesia poderia ser alegre ou triste, corrente ou filosófica, clara ou obscura, conforme se quizesse; ele, Leandro, não acreditava no que se chamava a inspiração ou sentimento íntimo por que fazia as suas poesias conforme a sua vontade de momento e necessidades da escola.

É claro que não garanto que as palavras fossem estas; mas o significado da explicação é que fica certo tanto quanto possível. Leandro-me, ainda, de que meu tio, á noite, em casa de meus Pais comentou o caso concluindo desfavoravelmente a respeito das qualidades poéticas dos chefe dos refelictas, pois considerava e imaginava a poesia como coisa mais alta, mais sincera e íntima.

Ainda não há muito, o Dr. Joaquim de Carvalho numa conferencia acerca do Teixeira de Pascoais, na Academia de Ciências de Lisboa, frisou a differença entre este, poeta profundo, de dentro, e o Leandro que conside-

rou poeta de superfície, rico trabalhador de versos — com o que parece o Julio Dantas deu certa parte. Depois, contei ao Dr. Carvalho a conversa do Eypenio com meu tio e vi-o satisfeito com mais uns grupos para a comprovação da sua tese.

Nessa altura das conversas na Tipografia já o Eypenio, com os seus 26 anos, era socio da Academia das Sciencias e tinha missa certa vaidade. Estava a vê-lo, fumando um cigarro e a fingir naturalidade, contar que anos antes, em casa de João de Deus a quem muito admirava, estranhou que o grande Poeta não fosse socio da Academia ao que este lhe respondeu com todo o seu ar bondoso:

— Não sou, realmente, mas hei-de vê-lo quando lá entrar este anarquista das ~~letras~~ Letras...

O anarquista das Letras era o Eypenio. E na verd. os dois foram propostos e aprovados socios na mesma sessão academica. E o Eypenio, lançando para o ar o fumo do cigarro, modestamente, acrescentava:

— João de Deus... está bem... é um grande nome... mas eu, na verdade, e apenas com 26 anos...

O velho!... Mais tarde, quando com o andar dos tempos o apreciei melhor e me lembrava deste e de outros episódios, é que comecei a ver o que havia de insincero e de certa dose de velhacaria no anarquista das Letras que viria a ser, na fase final da vida, classificado como Príncipe dos Poetas Paródicos.

Ato mesmo tempo tinha actos curiosos de que vou citar um que mais me ficou na memoria.

Um dia, na sala da Tipografia, durante qualquer conversa, ouvi falar muito em Renasceça. Eu não desenharia o termo mas não sabia o que significava e a certa altura com o natural descaram.^{to} de creança, perguntei ao Eupenio o que era Renasceça.

— O menino não sabe o que é a Renasceça?

— Não sei...

— Pois então venha cá.

A sala da Tipografia tinha tres portadas que deitavam (e deitavam) para varanda corrida. O Eupenio puxou de duas cadeiras, pô-las na varanda, sentou-se numa, mandou-me sentar na outra e puxando dum cigarro começou brandamente a dar-me uma lição.

Não sou capaz, evidentemente, de reproduzir a lição; o que sei é que ouvi atentamente e também sei que a exposição foi de tal ardeur, tão clara, tão chã, mas tão verdadeira que fiquei com a noção tanto quanto possível exacta do que foi aquele grande período da história e disse ainda que, durante a vida, se alarguei os conhecimentos e aumentei os conhecimentos, a verdade é que não precisei modificar a ideia geral com que fiquei.

É deo acrescentar: não exagere nestas afirmações; o Eusebio foi extraordinariamente claro e as expressões empregadas deviam ser as próprias para criança de sete anos ou o máximo doze, ainda sem preparação para compreender a complexidade do assunto.

O Alberto de Oliveira não era assim; entrava lá em casa, na tipografia, sempre alegre, a falar com vivacidade, parecendo que impunha a sua opinião; não tinha, como o Eusebio, grandes conversas como me dá-va-me gravuras que avançava a ilustrações, algumas das quais ainda conservo.

Lembro-me bem de que ajudei a uma tarefa na tipografia que ficou secreta. Foi o caso que as litografias que vieram de Lisboa,

da Companhia Nacional Editora, em meados de 1891 para o livro Poesias impresso lá em casa⁽¹⁾, foram estampadas em cartolina mais branca do que o autor e meu tio Albino da 3.^a queriam. O Alberto de Oliv.^o ficou aborrecido pois as queria tipografadas amareladas como meu tio indicou por mais artísticas. Lembrou-se então meu tio de experimentar uma delas num mergulho de chá forte e deu resultado, de modo que resolveram fazer o mesmo às outras duas (já me não lembro porque) que isso ficasse ignorado.

A um sábado, depois dos operários saírem, veio uma grande panela de metal amarelo, de casa de meus Avós, com grande porção de chá muito forte; mergulharam-se todas no líquido, ficaram toda a noite e no dia seguinte de manhã o Alberto de Oliv.^o, meu tio e eu dependurámo-las em cordão na oficina, para secar. O Poeta exultava com a limpeza e com o bom resultado e pelo trabalho que eu tive prometê-me um cartucho de lembrados — que, aliás, nunca me deu...

(1) Poesias de Alberto d'Oliveira. 1889-1891. Biblião do Zinho. Pares de Sol. Coimbra, 1891.

As litografias, realmente, depois de feitas, ficaram com leve tom amarelado, mas ao gosto do autor do livro e também do de meu tio. E assim correu mundo.

O Dr. Antonio Garcia Rib.º de Vasconcelos também frequentador da casa (como já acima disse) era mais sóbrio. Já lente de Teologia, com ar mais ou menos imponente não só de vido á sua boa figura como também ao facto de ser doutor de capelo (o que ainda nesse tempo era, em Coimbra, de alta importância) quando se me dirigia era sempre com grande ar de superioridade, com tom profissional, de quem se digna descer dos altos até aos bichos da terra vil... Contudo, devo dizer que quando me explicava, amavelmente, qualquer coisa, o fazia com clareza e precisão. Quando tinha a injunção a sua obra acerca da Rainha Santa e eu lhe fazia a grande gravura da capa, talvez começasse aí a influencia que ele me deixou para futuros estudos históricos e de que difficilmente me libertei.

O seu espirito de investigador minucioso, consciencioso, que procurava ir ao fundo de todos os assuntos, calou bem no meu feitio e quero crer que a leitura da obra (que ele

me ofereceu com aveludada dedicatória) e as suas conversas sempre com tom erudito, me ajudaram possivelmente a tender para a investigação que aplicada ao caso infelizm.^{te} foi, e pela primeira vez entre nós, á historia militar me deu o nome que tenho conformado a expressão do general Teixeira Botelho no discurso de apresentação no dia em que fui recebido na Revista Militar. — um « caso novo e unico » na nossa historiographia castrense ou, como deixei escrito na altura competente: « um caso novo e á parte ... »⁽¹⁾

E não me leveem a mal o desabafo q. pode ser tomado á conta de vaidade.

O estudo do Dr. Vasconcelos acerca do joia Braz Garcia de Mascarenhas e que, na verd.^{de} me deu no gôto, mais tarde, principalmente pelos capitulos feitos sobre documentos do cartorio da Camara Eclesiastica é um modelo no genero; creio que se não poderá ir mais alem. Contava-me ao tempo que o Antonio Baião dissera, como commentario critico que o estudo era uma especie de tiro de canhão applicado a um pandal. Isto é in-

⁽¹⁾ Nestas Memorias, pag. 286 do vol. 1928-32.

justo e além disso o Baiao não tem autoridade p.^a tal comentario porque nunca passou de um investigador minucioso, sem capacidade para trabalho de síntese ou de critica geral; é pouco mais do que o peroso e curioso «rato de arquivo.»

O certo é (continuando) devo acentuar, que o Dr. Vasconcelos exerceu sobre a minha tendencia p.^a a investigação, uma acendrada influencia de que, verdade, verdade, só muito tarde, quasi já na velhice, me conseguí libertar.

Outra pessoa que tambem me influenciou e me estimulou sempre que de mim se aproximava, foi o Dr. Augusto Mendes Simões de Castro, bondosa creatura que nunca recusou ensinamentos e que era a prolibidade em pessoa, quer na vida particular quer na carreira de escritor. Recordo-me de que ainda eu era m.^{to} novo, num encontro em Luso, como eu, a-proposito de qualquer assunto que veio á conversação, mostrasse certos conhecimentos de Historia que foram por ele considerados superiores á idade, o bom Dr. Augusto Mendes arrimou-me, deu-me conselhos e com o seu modo um pouco acautiado de

expressão, ergueu meu laudão a Flistaria que me deixou, de certo, convencido. Era meu amigo se bem q. havia grande distancia na idade (meus bons 35 anos, aproximadamente) e pela vida fóra sempre o encontrei pronto para conselhos e para qualquer especie de auxilios, sempre acolhedor e com desinteresse raro em tempos tão egoistas.

Não quero esquecer neste friso de lembranças de certo nome que passaram na minha infancia, o Dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, conhecido familiarmente por Seim Martins. Era muito das relações de meu tio Albino da Silva e era medico da familia como era tambem o Dr. Sousa Reisios. O Seim Martins tornou capelo e preparava-se para concorrer a uma vaga de professor da Faculd.^{de} para cuja dissertação eu fiz umas gravuras desenhadas por Ant.^o Augusto Gonçalves a que me hei-de referir com vagar em trabalho é parte ⁽¹⁾. Fez as primeiras provas com brilho e tudo parecia indicar q. seria aceite. Uma noite, porém, o Dr. Sousa

(1) Memorias dum aprendiz de gravador q. conto publicar em breve.

Refoios procurou em casa meu tio Albino da S.^a e disse-lhe que o Guim seria reprovado no concurso; na faculd.^e não o queriam por varias razões entre as quais o seu republica- nismo, a sua vida despreocupada de rapaz, seu qualquer preconceito, as suas criticas irreverentes em matéria de arte, etc. etc. E o Dr. Refoios aconselhou meu tio a procurar o Guim nessa mesma noite e contá-lhe o que se pas- sava, entendendo que era melhor ele faltar no dia seguinte á prova marcada e desappare- cer de Coimbra por algum tempo. Isso cor- responderia a desistência que sempre seria melhor que a reprovação. Isto tudo, e' claro, de baixo de reparoso segredo.

Meu tio foi e fez o caso meu e crei. O Guim concordou mas declarou que não tinha dinheiro para se ausentar de Coimbra por tan- ga temporada. Pareu, nessa mesma noite, ele saiu de Coimbra e daí a dias seguiu para Paris onde esteve uns meses trabalhando até com Charcot na clinica das doenças mentais. Meu tio Albino da S.^a nunca o disse; mas tu- do me leva a crer que as primeiras despesas da ausencia foram cobertas por ele e daí, de certo, o grande reconhecimento que o Dr. Teix.^a

de Barualho sempre mostrou por meu tio e a amizade que lhe votava e (o que não estava muito no seu temperamento) que creio ser sincera. Muitas vezes lhe ouvi, a propósito de qualquer coisa, palavras de justo apreço por meu tio, ditas em tom de certa gravidade que lhe não estava nos hábitos.

Pelo que me diz respeito, não recebi influencia dele. Era creatura de grande valor quer como medico, quer como escriptor, artista e critico de arte; mas não se fazia estimar. Toda a gente gostava de o ouvir, como conversador admiravel que era, com extrema graça, caustico muitas vezes a ponto de não paupar os que mais de perto se davam com elle; não era, porém, desinteressado, era, até, o que se pode dizer um pouco velhaco, um tanto inujoso, não aceitava bem, em conversas, quaisquer palavras de levôr que na sua presença se dissessem d'este ou d'aquelle.

Como até uma vez por outra parece que gostava de me desanimar quando me encontrava na Bibliotheca da Universidade o que, malta a verdade, não tinha importancia. O que já tinha alguma significação era a deslealdade que usava para com creaturas bondosas e de boa

fé como o Dr. Augusto Mendes Simões de Castro sempre prontô a confiar os seus trabalhos e projectos. Não vale a pena falar mais para não parecer despeito que, de facto, não tenho, de mais a mais agora que estou velho e me estou a confessar...

O Dr. Teixeira de Carvalho era, no verd.^{de} um homem superior a quem faltava certo equilibrio de caracter e de rectidão.

Dentro velho amigo da casa era o Dr. Francisco Miranda da Costa Lobo, professor de Mathematica na Univ.^{de} que vivia com dois velhos, o pai e o tio — pelo que lhe chamávam «o filho dos velhos.» Lembro-me bem desses velhos irem á casa da Braca Velha, muitas noites, jogarem com meu Avô, meu Pai e meu Tio João Baptista em certos dias da semana; havia sempre chá e torradas para terminar a noite; e noutros dias da semana a reunião era em casa deles, na rua dos Boutinhos, num prédio antigo junto do palacete que depois foi residencia do Doutor e hoje é dos netos. Eram bons velhotes, liberais, antigos combatentes, segundo se dizia, da Patuleia em Tras-os-Montes. E é possível porque mantinham, embora de idade, certo espirito livre.

Quando o doutor veio para Coimbra estudar, os velhos estavam em Leiria, funcionarios de finanças, salvo erro; e como ~~estava~~ tinham boas relações com a tipografia por causa da papelada impressa, pediram informações a meu Avô acerca da vinda do rapaz. Meu Avô, sempre prestável, facilitou-lhes o que pediu e encarregou meu Tio Albino de acompanhar o rapazinho em tudo o que fosse necessario e daí a amizade, dissei meus nos indimidate que sempre se manteve entre eles pela vida fóra.

Ouvia contar até que, no 1.º anno de mathematica, o rapaz não solvesse; bom estudante, mas mais nada. Meu Avô, por ver, reconhecendo a viva intelligencia dele e não se conformando com o quase anonimato em que poderia cair, no anno seguinte falou com o Dr. José Talcão, professor da cadeira de calculo e pediu-lhe para ver se, na verdade, o rapaz era ou não merecedor de mais alguma coisa que o memine vulgar. Realmente, o Costa Lobo no 2.º anno obteve o prémio e daí por diante classificações que o levaram ao doutoramento e depois ao professorado.

Isto, como se calcula, tornou-o mais à minha família.

Lembro-me, por ex.^o, de que, quando o Dr. Costa Lobo, em 1891, já então muito conhecido na política progressista, fundou um jornal a Gazeta Nacional, consultou varias vezes meu tio Albino da S.^a e ainda o estou a ver, na sala de meus Pais, na presença da família e dos meus dois tios o Albino e o João, a ler o artigo de fundo de apresentação do 1.^o numero que sairia daí a dias, em 16 de Dezembro. Esse artigo intitulava-se Seu hesitações que lei pausadamente; e depois de ele sair e cada um dar as suas opiniões, meu tio Albino da S.^a commentou:

— Não sei se repararam que, apesar do título, o artigo está cheio de hesitações...

E de facto, lendo agora o artigo dá uma impressão de querer afirmar mas com muitas reticencias. E manda a verdade que se diga que o autor foi sempre assim não era creador de afirmações claras e categoricas.

A Gazeta era dirigida por ele, Costa Lobo, mas para o manter com mais faci-

lidade arranjou um sistema curioso: no-
deu-se dum grupo de individuos como o
Dr. Teixeira de Carvalho, o advogado Dr. José
Sobral, o capitão de Inf.^a n.º 23 Domingos An-
tonio dos Santos e Freitas, o capelão do mesmo
regimento, D.º Figueiredo e mais alguns de q.
me não lembro; por ordem ou escale, cada
um tomava conta dum numero e com pseu-
donimo, dirigia a publicação eulora debaixo
das vistas do verda.^o director. Assim como
só depois de muitos dias chegava a vez a ca-
da qual (pois a Gazeta era bi-semanal) a em-
presa seguia com relativa facilidade e a sua
redação na Calçada (ou rua Ferreira Borges)
num 1.º andar onde hoje é o café Nicola ou
no prédio ao lado, salvo erro, era centro de
cavagreira animada, politica, artistica, litera-
ria e... má lingua. ⁽¹⁾

Como estas coisas me apparecem na
memoria, passadas ha tanto tempo!

⁽¹⁾ O Dicionario Bibliografico, no seu volume
XXII já escrito por Gomes de Brito e Alvaro Neves,
no artigo Augusto Veiga de quem já aqui falei, e
diz-se a pag. 489-420 que este foi um dos directo-
res desta Gazeta. Não sei se isto será verdadeiro.
Não me lembro de ouvir falar dele; nessa altura
estaria já estabelecido na Figueira.

Ele era, então, muito assíduo em casa de meu Avô e na nossa; e até, uma vez que ele quiz auxiliar-me em qualquer brincadeira não me recardo com quê, deu uma cabeçada na porta dum janela que abriu brecha na testa de que ficou para a vida toda uma cicatriz bem visível.

Enfim...

É já me ia a esquecer do bom João Rodrigues Vieira, o Vieira do «Grupo de Leão» ao tempo professor de desenho na Univ. (Faculdade de Filosofia). Era um excelente homem, sempre com ar alegre, um tanto ou quanto boacheirão, com restos da boémia artística de Lisboa. Morava na rua de Sub-Pipas, na primeira casa á direita de quem vai da rua de S. Theresa-costas, casarão que tinha grande quintal onde ele cultivava flores com entusiasmo e eram seus modelos favoritos. Morreu novo, com 47 anos, em Janeiro de 1898; já então, e há pouco tempo, vivia em casa própria que mandára construir na rua de Alexandre Herculano, esquina da de Venancio Rodrigues, a dois passos da nossa. Foi em quem levei no enterro uma carroça oferecida por minha família, segundo os usos do tempo.

Bom homem, deixou muitas saudades em todos; ficaram-lhe dois filhos que tiveram vida irregular de estroinas e gastadores, e eu far-me ouvi dizer mais tarde.

Mas, superior a todos estes vultos a q̃ me referi, dominou a minha meemoria e infancia, a grande figura de Antonio Augusto Gonçalves de quem ainda hoje, com muito mais de 60 annos passados desde essa quadra, eu sinto a impressão de grandeza. Era o grande apoio da familia, especialmente de meu tio Albino da Silva, e tinha, como aliás na cidade, um grande prestigio.

A fundação da Escola Livre das Artes do Desenho, a exposição de 1884, as campanhas sustentadas contra os barbarismos em materia de arte, a austeridade e firmeza de caracter — tudo o impunha.

Era, nesse tempo, em familia, « o sr. Antonio Augusto » e era com desvanecimento que eu gravava certas chapas com desenhos dele. Ficou-me, para a vida, a influencia de sua intransigencia politica, do seu anti-clericalismo, do seu agruimo, da sua dura honradez e até um pouco, se não bastante, das suas atitudes perante certas imposições de

consciência. Grande homem! e grande homem perdido numa parvoíria em q. dominava o espirito catédrico baloto e reacionario de « capelo e barta » perto do qual ninguém poderia aproximar-se e muito menos igualar.

Atravez dos anos nunca perdi essa influencia transmitida tambem, muito naturalmente, por meu tio Albino da 8.^a que era por ele um verdadeiro fanatico.

Tive a satisfação, ha anos, quando passei o 1.^o centenario do meu nascimento promover com um grupo de amigos, a celebração respectiva. Na verdade e sem vaidade posso dizer que fui eu quem promouei e conseguim levar a cabo a celebração — pobre celebração, aliás, conseguida á custa de cantelias, através da má vontade official para a qual a memoria do grande professor é extremamente mal vista.

Vamos adiante.

Este centenario tem o seu lugar proprio em volumes já escritos e que constitue parcela curiosa deste amontoado de lembranças duma vida inutil.

Ora com tal ambiente, rodeado por honreiros de letras e artistas, por anarquistas e anti-ultramontanos, não seria para admirar que me surgisse a tentação de escrever e que a vaga educação religiosa recebida de minha Mãe, aliás sem qualquer presença, se fosse esbatendo até desaparecer e me tornar no incrédulo que fiquei e espero continuar a ser.

Quanto a ideias políticas e sociais, porém, essas não se esbataram assim. E de mais a mais naquela última quadra do século o ideal anarquista impressionava muito os rapazes; e é interessante lembrar que na geração revolucionária a que me referi mais acima, havia rapazes que se deixaram arrastar por ele eutera depois o esqueceram.

Antonio José de Almeida confessou na sua Desafronta que na sua geração « uns fizeram-se socialistas, outros buscaram a luz pontada na quimera do anarquismo »⁽¹⁾ e o mais curioso é que em então na pátria é

⁽¹⁾ A pag. 49.

que o Poeta Afonso Lopes Vieira também « pas-
"sou pela partela anarquista» « como toda a
"gente que se jresa» segundo os poucos revelou
o escritor Aquilino Ribeiro, afirmando até que
o Poeta chegou a traduzir a celebre carta A' Gen-
te Nova do príncipe Kropotkine que tanto impres-
sionou a mocidade do tempo.⁽¹⁾

Era, pois, na quadra coisa corrente de q.
depois, como disse Ant.º José de Almeida, se es-
queceram. É o caso de Alberto de Oliveira a
quem me já referi que não seria simpatisante
com o anarquismo mas que o foi com a Repu-
blica; chegou a escrever um artigo em louvôr
do Dr. José Falcão por ocasião da sua morte, arti-
go, de que não suplico, feito a pedido do meu tio
Aquilino de Silva.⁽²⁾

O artigo, valha a verdade, é cauteloso. Co-
mo já estava formado em Direito e pretendia
concorrer á Diplomacia, como concorreu, e au-
dava, segundo se dizia, a aproximar-se do conde
de Arceoso, era necessario ter certo cuidado com
o que escrevia.

⁽¹⁾ Canções, Barnilo, Eça e alguns mais, a
pag. 303.

⁽²⁾ Incluído a pag. 215-220 da Memoria de José
Falcão (Coimbra, 1894).

Silva
diz: «O
lismo, p
[Sociali
lera, 1891

Devo, porém, dizer que a minha simpatia por essa « forma protoplasmica da generosidade mental » como disse Lopes Vieira ⁽¹⁾ começou muito antes, na tipografia, com o operariado como já contei. Quando entrei na convivência da rapaziada escolar, já o meu espirito ia formado quanto áquele ponto tão discutido e acarinhado.

Mas, revertendo...

A brotadeira de escrevinhador manifestou-se aos 8 annos, como disse, com um jornal manuscrito no Funchal; e em Coimbra, depois, com um sembro O Marítimo que começou em 20 de Outubro de 1889 e ainda durou, com 36 números e 3 suplementos, até Julho de 1890. O título é talvez exquisito, mas creio que nisto da minha vontade estocada vagamente de seguir a carreira da Armada, carreira bastante acalentada por meu Pai e provavelmente pelos mêses passados na Madeira em contacto com o mar e a constante vista de navios que entravam e saiam do porto. É possível que assim fosse. O tempo correu muito e a memória não é de ferro.

⁽¹⁾ Aguilino Ribeiro: *ob. cit.* pag. 303.

Devo, porém, dizer que a minha simpatia
 nos anos "ter... .." (1) ia da generosidade
 sua Mendes, formado nessa quadra,
 Os estudantes... que perfilham o socia-
 lismo, na maior parte, anarquistas.»
Tratado Libertário ou Anarquismo, Cim.
 96, pag. 343, nota 5.)

ia da generosidade
 eira (1) começou
 em o operariado
 frei na corrente
 o meu espírito ia
 tão discutido e

acantado.

Mas, revertendo...

A brotaria de escrever e publicar manifestos
 deu-se aos 8 anos, como disse, com um jornal
 manuscrito no Funchal; e em Coimbra, depois,
 com um sembro O Marítimo que começou em
 20 de Outubro de 1889 e ainda durou, com 36
 números e 3 suplementos, até Julho de 1890.
 O título é talvez exequisito, mas creio que ni-
 ris da minha vontade estocada vagamente de
 seguir a carreira da Armada, carreira bastan-
 te acalentada por meu Pai e provavelmente
 pelos meus passados na Madeira em contacto
 com o mar e a constante vista de navios que
 entravam e saiam do porto. É possível que
 assim fosse. O tempo correu muito e a me-
 moria não é de ferro.

(1) Aguilino Ribeiro: *ob. cit.* pag. 303.

Quanto ao conteúdo do jornalão é que não é de molde a prognósticos... Era feito a lápis, com desenhos que eu rabisava e ás vezes eu meu Pai ou meu Tio Alvaro da 5.^a procuravam dar certo jeito. A colaboração, toda minha, se me não expaço, era amalgama de paratado com transcrições de poesias ou prosas de autores conhecidos e noticias, advinhas, anuncios, anedotas, etc. Celebrei a proclamação da Republica Brasileira com retratos dos membros do Governo Provisorio, e o Ultimatum de Janeiro de 1820 com certo entusiasmo e grandes protestos contra a D. Platerra e meorras á Casa Real, á Monarquia e aos ministros responsaveis. Ha, num numero, uns versos de fe' quebrado, assinados com o meu nome, contra o rei D. Carlos e quem trata por Dom Carolo... E em outro numero uma caricatura que me lembro ser feita por meu Tio Alvaro que representa um quadrupede amarrado a uma arvore com cabeças de iuplês. Etc. etc. Infantilidades que não fazem mal a ninguém e me revelam ainda o ambiente do tempo e o meu estado de espirito.

Conservo a colleção do jornal que julgo completa.

Mas o piér é que não me figurei no jornalismo... Pelo ano de 1892, por consequencia com 13 annos, escrevi um entre-actô comico a que dei o nome de O sabio ferrador, talvez por influencia do meu contemporaneo e vizinho Paul Teles do Alencar que tinha decidida vocação para o teatro; as suas visitas á Typografia e as recitações que nos fazia (a mim e aos irmãos Soares Dupre, tambem meus vizinhos) é possível que me levassem a essa empresa.

Lembro-me de que lhes li a produção na sala da Typografia e de que elles fizeram grande festa possivelmente por troça que eu talvez no momento, por ser creatura de boa fé, não perceberia.

Estava, pois, lançado na carreira das Letras! Journalista e comediografo — meu mais meu mesmo.

E estas minhas troçaejas que na occasião tomava a serio, eram p.^o os meus condiscipulos ou companheiros motivo de certas chacotas encolhentas por fuzpidos lauvâres; só mais tarde, já homem, quando em conversas relativas a essa boa quadra é que concluiu que, certamente, alguns me dis-

feutariam. E hoje, voltadas tantas décadas e lembrando esse lingoço passado, esse-
preendo o que ha de realidade nesse procedi-
mento, quando dum lado ha boa-fé e certa
inclinação para qualquer manifestação ou li-
teraria ou artistica e do outro nem alguma
destas qualidades ha ou por inveja, ou por
realidade ou até por simples garofice a inten-
ção depreciativa e trocista.

Suero creer até que a esse frequenciação dis-
to me levou, pela vida téra, a nunca proce-
der assim com os outros e, pelo contrario, a
procurar animar, dirigir, aconselhar nem
que que percebia nesté ou naquê qualquer
tendencia aproveitavel. Assim procedi
na minha vida profissional quando se afro-
ximávam rapazes saídos da Escola do Exer-
cito, inexperientes; e entre estes lembro-me
agora do Diamantino Antunes do Amaral
(hoje coronel na reserva e q. me pagou qual
a dedicação) ou quando comandeí Infanta-
ria e os dois irmãos Mario de Mendóça Gra-
zão e Americo de Mendóça Grazão, que me
apareceram vindos da Escola de olhos fecha-
dos e que eu quise paternalmente e ainda
hoje são meus amigos.

Fóra meusos da profissão meica dei-
xei de fazer o que por ex.^o fazia o Com. Dr. Au-
gusto Mendes Simões de Castro: estimular, en-
sinar, animar com desinteresse. E estou a
lembrar agora o Pedro de Moura e Sá, meni-
no prodigio de que todos se riam e que todos
troçavam e que hoje, apesar de estar nas
culminancias do mundo das Letras, confessa
abertamente a complacencia que eu tinha
para com todas as suas fantasias precoces
e a branda influencia que exercia sobre a
sua confusão de ideias, consequencia de lei-
turas desordenadas a que o ambiente em
que se criou não poderia dar direcção util.

Era como ia dizendo: jornalista e
comediografo...

Paralelamente aos meus estudos no li-
ceu, frequentava o Ginasio, de recante for-
mação, em que predominava a carolice e
vontade de Luiz do Augusto da Costa Martins
meu professor de ginstica e de esgrima e
aí adquiri certo desenvolvimento fisico que
me serviu já toda a vida e de que ainda ho-
je sinto as vantagens.

E dessa carolice do Augusto Martins
e do entusiasmo de todos os socios, realizou

se em 19 de Março de 1892 em parau no
 Teatro do Principe Real (hoje Teatro Eduardo
 no qual tornei parte comandando um peló-
 tão de marinheiros organizado e instruído
 pelo estudante de direito Arnaldo Bizotte, da
 Guarda que fôra sargento de Infantaria e foi,
 salvo erro, o 1.º Governador Civil republica-
 no da sua terra natal.

Esse numero do programa teve certo
 exito e o Augusto Martins comovido, na are-
 na, no meio de aplausos, pôz-me ao peló-
 to uma medalhinha de prata comemorati-
 va. Cousemo, com certo enternecimento, a
 medalhinha de 0,020 de diametro que diz na
 frente: « G. C. / Parau / 19-3-92 » e presa a
 fita de riscas verdes e brancas. Cousemo tam-
 beem fotografia do pelotão em que Kristem.
 Só vejo uns dois ou tres ainda vivos e... ve-
 lhos! É a lei da vida.

Foram nessa ~~noite~~ noite distribuidas
 as duas poesias que aí deixo coladas, feitas
 a pedido de meu tio Alino da Silva pelo estu-
 dante brasileiro Francisco Bastos de quem
 já atrez falei. Como devem ser exemplares
 rarissimos, deixo-os aqui para ficarem o
 mais possivel guardados.

SARAU DO GYMNASIO DE COIMBRA

EM 19 DE MARÇO DE 1892

A AUGUSTO MARTINS

*Ao que souha na Força os novos educar,
Ao que o nosso Gymnasio ampara com seu braço,
Alma de luctador, coração exemplar,
N'este dia de festa, um apertado abraço!*

L.

A AUGUSTO MARTINS

Vês tu a pallida creança?
Na força de annos e de vida,
Anda dez passos, logo cança,
Toda a chorar, toda transida...

Não póde ser risonha esperança
Quem já é assim na flor da vida:
Andando a passo, logo a alcança
Qualquer velhinha combalida...

Creanças, beijos das manhãs!
Não tendes pejo d'essas cans
Que vos venceram na subida?

Ganhae vigor, tende cuidado
No jardimsito delicado,
Regae a flor da vossa vida!

Na noite do sarau promovido
pelo Gymnasio de Coimbra,
em 19 de Março de 1892.

B. M.

Comencei nessa altura a aprender musica com o então professor de musica na Universidade António Simões de Carvalho Barbas, celebre Tocado'r de viola e regente da Tuna Academica. E aprendi tambem violino com o deputado Simões Pais, professor e regente da filarmónica chamada, salvo erro, da Bom União.

Em livro de notas de meu pai vi, um dia, que a mensalidade dada a este professor era de 2400 reis. Hoje não se comprehende como isto possa ser.

Depois, passei para o Primeiro Alues, chefe da banda do regimento de Inf.^{ta} n.º 23, por ser melhor professor e melhor executante mas que se queixava de mim por eu não estudar o suficiente. Era meu tio João Baptista, meu padrinho, que pagava a mensalidade e a quem o Alues se ia queixar.

Do mesmo tempo, meu tio Albino da Silva ensinava-me a gravar em madeira; e este ensino tem como os trabalhos que executei e foram publicados, constará dum opusculo que publicarei, quando possivel e... e' claro, sumptibus auctoris; e meu doutro modo seria, tão certo é eu es.

tar condemnado a nunca ganhar dinheiro com aquilo que escrevo.

O ambiente em que vivia era profícuo, pois, ao meu ~~desenvolvimento~~ desenvolvimento intelectual. Lembro-me, por ex.^o, de ouvir discutir na sala da tipografia não sei já quem se com o Euzébio de Castro, ou Dr. Vasconcelos ou Antonio Aug.^{to} Gonçalves, as últimas produções de Oliveira Martins, isto é, Os Filhos de D. João I e a Vida de Nuno Álvares; de ouvir lastimar o suicídio de Camilo em Junho de 1870 e ainda, em Setembro do ano seguinte, o de Antero do Quental.

Tenho ideia perfeita de que o suicídio de Camilo me impressionou e de que me sentava numa cadeira de terços que havia á cabeceira da grande mesa na sala da tipografia e lia nos jornais, de fio a pavio, as notícias concernentes á vida e morte do grande romancista.

Eu lia então muito os livros de Julio Verne que me deram bastantes conhecimentos e alguns me deixaram impressões que ficaram para a vida; e lembro-me muito bem de que meu tio Alino da Silva

me deu um Abrégé de l'Histoire de la Civi-
lisation de Ch. Seignobos ⁽¹⁾ que, com um ou
 tro livrinho, se me não expaço, A Arit-
mética dos Avósinho ⁽²⁾, constituiram o em-
 brião da minha actual biblioteca.

Esses dois livrinhos eram mirrados
 e remirrados; punha-os ao alto, na secretá-
 ria de meu Pai e ficava-me a olhar para
 eles, com desvanecimento, a vislumbrar o
 crescimento da fileira de lombadas.

Do mesmo tempo sentia necessidade
 de metódizar as coisas; era arrumador, cui-
 dadoso com tudo. E lembro-me de que, pas-
 sado o período do governo provisório da Repu-
 blica Brasileira e eleito o 1.º presidente
 constitucional, eu pedi ao João Pais, director
 da officina, rectangulos de papel em branco
 para assentar os nomes desse 1.º presi-
 dente e dos futuros — não fossem esquecer-
 se, para a historia, esses nomes illustres do
 Brasil. Estão ainda a ver a cara de parvo
 do João Pais, admirado e com razão do meu

(1) 8.º de 2-236 pag. cartonado. Edição de G. Mas-
 son, Paris, 1887. Ainda couseiro o volume.

(2) De Jean Macé. Trad. de Aritmétique du
grand papá, publicado em 1863.

aliás inocente e bem intencionado projecto. Nasceram, nesse dia, certamente, os meus primeiros verbetes...

E assim, no verão de 1892 fiz os dois exames do 1.º ano dos Liceus: o de Português e o de Francês — o que constituiu, para a família certo gozo e esperança.

Não sei se foi nesse ano na montão próximo, que no Luso para aude costumávamos ir passar algum tempo, conheci o Rodrigues de Freitas, o austero democrata e professor. Estava com a esposa, uma senhora estrangeira, inglesa, creio eu, no mesmo hotel em que nós estávamos, o Levitano mais conhecido pelo hotel da Carolina (por ser esse o nome da dona e casinheira). Lembro-me bem dele, sempre taciturno, cofiando o bigode fino, com pouco caído sobre as commissuras dos labios; passeava no pequeno corredor dum prédio anexo a que chamavam o chalet, ou cá fora, á pombara, enquanto a esposa lia ou fazia qualquer trabalho de agulha.

Estava também nesse annexo o velho professor de Teologia da Universidade, o Dr. Jacinto Damasio Fraposo que passava por muito inteligente e sabedor; este era mais dado

à conversa, ás vezes metia-se comigo e leu-
tero-me de que uma vez em que eu limpa-
 va o velocipede (de que já falei) ele quiz ex-
 plicações acerca do funcionam.^{to} da maquina
 e sujou os dedos com o óleo, com o que achei
 muita graça.

Seu homem m.^{to} inteligente tinha
 contido esquisitices curiosas. Uma delas foi
 contada pelo Dr. Augusto Mendes Simões de Cas-
 tro, incapaz de inventar coisas destas. O Dr. Da-
 masio, por qualquer motivo, era contrario aos
 carrinhos de ferro e não queria servir-se deles;
 para aude ia, fóra de Coimbra, servia-se de ca-
 ros puxados a cavallo. Ora um dia foi nomea-
 do no Diario do Governo real do Conselho Su-
 perior de Instrução Publica e pouco depois re-
 cebeu aviso telegrafico para comparecer em
 Lisboa, em certo dia e hora. Serenamente, o
 Dr. Damasio contratou logo um carro numa
 alquitaria, convidou o Dr. Augusto Mendes pa-
 ra companheiro e lá foram estrada fóra, por
 Leiria, Batalha, Alcobaca, etc. e chegaram á ca-
 pital quando a reunião do Conselho acabára.
 Perante observações q. lhe fizeram (contou ain-
 da o Dr. Augusto Mendes) explicou o Dr. Da-
 masio ao Ministro que logo que recebera o

aviso convocatório se metterá a caminho; o aviso não especificava o meio de transporte... O Ministro, como lhe cheirou a catúrice, despediu-o suavemente e demitiu-o do Conselho; e o Dr. Damasio voltou pacificamente p.^a Coimbra na mesma carruagem.

Não tenho ideia deste teólogo conversar com o Dr. Rodrigues de Freitas; é possível que se não aproximassem e é até muito natural que assim fosse.

Nessas temporadas em Luso encontrava muitas vezes o Dr. Augusto Mendes q.^o como apaixonado do Buceaco fugia para ali sempre que podia. E é desse tempo que datam as minhas boas relações com ele (como já referi) e que datam os ensinamentos e os conselhos de que nunca me esqueci.

Ara no ano lectivo de 1892-1893 meu Pai matriculou-me no collegio do Padre Ricardo Simões dos Reis em casa propria, que ni ao circo da Averrida Sá da Bandeira recentemente aberta, casa que tem hoje o numero 133 de policia — e onde meu Pai pagava a mensalidade de 64800 reis conforme consta do velho livro de contas.

Este P.^o Ricardo Simões dos Reis que depois veio a ficar meu avô era bom latinista, homem culto, versado em História e arqueologia, com facilidade de versar com humor; vivia com mulher e filhos (cinco na minha época) á vista da sociedade, sem presunções, educando-os de modo que todos tiveram posição cívica.

As disciplinas que cursei no collegio foram a Geografia, o Trilés e Desenho de que fiz o 1.^o e o 2.^o annos. O Trilés era ensinado por um official da Administração Militar chamado Macedo, creio que major, e que morava na Arrepaça e tinha duas filhas já mulheres muito gentis. A Geografia era o zelo então Tenente de Infant.^o José Joaquim Mendes Leal, nessa altura, salvo erro, guardava de Direito. Era homem baixo, sobre o garbo, o que lhe deu a alcunha de José Ba-
toga; muito intelligente, bastante culto, durante a formatura adquiriu certo nome principalmente pelas discussões com o professor Dr. Manuel Emidio da Silva que, como positivista não admitia na classificação geral dos conhecimentos a ciencia militar como queria Sebastião Teles. Ele, Mendes

Leal sustentava nas discussões que os conhecimentos militares constituíam, como ciência um ramo das ciências sociais no q. aliás seguia a esteira do general Sebastião Telles que sobre o assunto escrevera o livro no qual Introdução ao estudo dos conhecimentos militares.

O Mendes Leal era das relações eu de meu Pai ou de meu tio Albino da Silva e ficámos sempre mais ou menos ligados e até gravei umas letras para a sua marca de papel como direi a seu tempo em opusculo especial acerca dos meus trabalhos de gravador em madeira." Mais tarde, foi meu professor na Escola do Exército.

O Desenho, já me não lembro onde e com quem aprendi. De que me lembro é que frequentei a aula de desenho elementar, á noite, na Escola Industrial de Brotero, em que era professor Antonio Augusto Gonçalves onde acamaradei com desenhos de rapazes operarios, bulicçosos, irreverentes e, por vezes, mal cheirosos.

Não sei se foi neste ano lectivo se no

" Ver atrás, pag. 67.

seguinte, a memoria já me não dá a certeza, que frequentei a aula de Física na mesma Escola Industrial, regida pelo professor austriaco Joch; como no collegio ou no Liceu quando frequentasse a aula de Introdução, 4.^o anno, não teria eu sino pratico, lembráram-me, na familia, de me ir habilitando com conhecimentos de Física practica que, na verdade, me deram vantagem quando no Liceu cursei, em dois annos seguidos, aquelle ramo de sciencias. O professor era um dos contractados, annos antes, quando se fez a reforma das Escolas Industriais; e nesta altura já amanhava um participes notável.

Foi nessa aula que tracei conhecim.^{to} com um rapaz, de origem muito modesta, vindo recentemente do Seminario, com outros, por incompatibilidade com a carreira ecclesiastica; era o bom Bernardo Pedro (filho natural duma verdadeira do mercado) q. mais tarde, já estudante de medicina em que se formou, requereu os apelidos de Oliveira Baptista com que veio a fazer a sua carreira de medico. Era um excelente moço, intelligente, trabalhador, honesto; fui seu amigo e convivi muito com ele; teve vida difficil

meu a casar um pouco tarde já e nasceu
novo, não me lembro de que doença mas a
não seria estranho o excesso de trabalho.

Enfim... assim foi passando o tempo até que, em 4 de Maio de 1893, mudámos da Praça Velha para o novo prédio da rua de Tomar que meu Pai mandára construir com as suas economias e creio que com alguma ajuda de meu Avô, prédio feito com certo amor para ele, minha Mãe e os seus três filhos, com a inapensada persuasão de que ali viveriam todos, mesmo com os filhos casados, e como Deus com os avós.

Esperanças não que o tempo dolorosamente se encarregou de destruir e nunca mais se recuperáram.

Quinta da Paz:

(S.^{to} André de Matra):

24 de Julho a 17 de Agosto

de 1956.

III

«Adspice, quam longi temperis
acta canam.»

Ovidio: Os Fastos, liv. I, v. 104

A mudança de residência para a
rua de Tomar modificou muito a minha
vida. O collegio de P.^e Ricardo dos Reis era perto
e a distancia á Praça Velha meu sempre
afetecia transpôr. O ambiente especial da
casa da Tipografia desapareceu e quando lá
já não era a mesma coisa: ia de visita
por pouco tempo e, ás tardes, ás horas a que
lá se reuniam certos amigos de meu Tio Albi-
no da Silva ou outras pessoas que por qual-
quer motivo frequentavam a casa, era raris-
simo ir por causa das praxes academicas a
que sempre me furtei e de que sempre fui
inimigo — pois ao meu espirito repugnava
essa tradição.

Assim, os meus hábitos modificaram-se. Concentrava-me mais em casa, lia muito e comecei a interessar-me por Alexandre Herculano de que meu Pai tinha os romances e a Hist.^a da Inquisição que ia intermeando com o Julio Verne que, creio, percorri todo.

Meu Pai ficou amigo do David Carazzi, dos tempos em que foram condiscipulos nos institutos em que ambos tiraram as cadeiras necessarias para impressarem nos correios. Depois, quando o Carazzi se lançou á vida de editor, nunca esqueceu meu Pai e mandava-me sempre um exemplar das suas edicões. Daí a colleção do Julio Verne, na edição de luxo, o que me atraía pelas belas gravuras em madeira que faziam as minhas delicias, bem como as outras obras que as grandes com gravuras de Gustavo Doré que as traducções de romances espanhóis traducidos, etc. etc.

Quanto a estudos...

O de Geografia interessava-me e o tenente Mendes Leal procurava fazer com q. os alunos tornassem gosto por ella; muitas vezes estudava com o meu vizinho e condiscipulo

cipulo Arnaldo Macedo, filho do organista e professor de musica Francisco Lopes de Lima Macedo e daqui usou a amizade que se manteve com sincerid^e e correccão até a morte dele ha uns tres annos.

Do Júpiter tambem gostei e o professor o major Macedo fazia um ensino curioso por que, á parte o conhecimento da lingua, chamava a atençaõ para os trechos traducidos, especialmente as poesias; e lembro-me de que elle tinha certa predilecção por Shelley cujas poesias lia com certo enthusiasmo e cujas belezas procurava fixar no espirito dos alumnos. E tenho ideia de que fiquei gostando tambem das poesias deste autor mas infelizmente perdi o contacto com a lingua e meia duzia de annos depois já não era capaz de as traducir e muito menos de lhes achar o encanto que mereciam.

Nesse anno de 1893 lá fiz os exames e fiquei aprovado parece que sem difficuldades; e passadas as ferias naturalmente no Luso e na Figueira num chalet no alto do Viso que meu avô comprára e ampliára para os netos, continuei no collegio do P.^o Ricardo dos Reis matriculado em Historia e Matematica, 4.^o

aus. A História era ensinada pelo mesmo tenente Mendes Leal e até ao 5.º ano de Direito e a Matemática por um estudante de Medicina Adriano José de Carvalho, que usava barba m.º negra e que, por ser muito mau, alcunháram-no de "assassino de Ines de Castro". Era de Serpius, do conc.º da Leusã; foi depois professor do Liceu de Coimbra e teve, nos tempos de estudante, um filho natural que é o actual professor de Letras Carlos Simões Ventura. O dr. Adriano era bom homem, mas ensinava as matemáticas um pouco rudemente.

O ensino da História, porém, agradava-me muito e esse agrado deu na vista ao Mendes Leal que disso fez parte a meu tio Albino da Silva. Era talvez, infelizmente (sei lá!) a minha pena a desalochar. Na verdade a História começava a prender-me a curiosidade e daí a leitura de livros históricos, mesmo romancesados como os de Cunha e Sá (editados pelo David Carrazzi) e um dos quais me deu o conhecimento do Infante D. Pedro, duque de Coimbra e de Álvaro Vaz de Alameda⁽¹⁾. Esses livros impressionáram-me bastante, é par-

⁽¹⁾ O Último Cavaleiro. Romance histo-

te e principalmente, como já disse, os de Alexandre Hercolano.

Este autor, até, pelo notável poder de evocação histórica e também por natural inclinação minha, teve tal influencia no meu espirito que ficou sendo sempre, para mim, o verdadeiro « deus tutelar »; e dado o seu feitio rude e cheio de autorid.^{de} e ainda o seu anti-clericalismo, passou a ser quase modelo para a minha facil imaginação de rapaz. Apareceu um dia o seu retrato numo bela gravura do netto João Pedroso, arranjei moldura esculpida e fui-lo na parede do meu quarto de estudante. E quando casei e mudei de casa, o retrato passou para lugar de honra no meu escritorio onde ainda está e estará enquanto viver. E hoje como-me ao ler certos trechos dele, quando calha, e fico-me a meditar depois da leitura daquella prosa inimitavel, sonora, profunda e sincera.

Essim se formou em mim, e cresceu, a curiosidade pela historia e na minha cabeça começaram a formar-se planos de estudos — o primeiro dos quaes talvez fosse

rico original (Lisboa, 1879).

o de Coimbra durante a Dinastia de Aviz, em
 Lisboa, como figurei com o conhecimento
 do que se passou nas Cortes que em 1385
 proclamaram rei o mestre de Aviz, acto que
 completou a revolução de 1383 e que por se-
 rem auctas afirmações de carácter revolucio-
 nario me davam no gôto e na simpatia.

Lembro-me de que tomei muitas no-
 tas, um pouco a esmo, e' claro, e felizmente
 sem realisação.

E' possível que fosse a seguir a este
 plano que surgiu um outro que me preo-
 cou durante muito tempo: o de escrever a
 historia, até certo ponto apologetica, da viagem
 da armada de D. João de Castro ao Mar Vermel-
 lho em 1541 e da espectacular subida ao Mon-
 te Sinai onde o governadôr-cartógrafo ar-
 mou os filhos cavaleiros. O episodio heroico
 impressionava e levou-me a esboçá-lo e a
 escrever certas notas preparatorias que tam-
 bém como aconteceu com as das Cortes de
 Coimbra ficaram, felizmente, sem execução.

E não me ficaria por aqui seguindo
 vejo numa carta que escrevi em dezembro
 de 1899 ao Costa Ferreira. Dizia-me eu, de-
 pois de lhe falar neste caso da viagem ao Monte

Re
 dada
 da lu

Sinai que se seguiriam outros estudos dedicados a Salvador Pinheiro de Sousa, o rei do Reguê, a Martim Affonso de Sousa, ao heroico Antonio da Silveira, á historia da Ceilão portuguesa!... Estes honraes da India, decididamente, pertubávam - me a cabeça e faziam - me sonhar alto, sem limites decentes...

Foi nesse tempo que comecei a formar os meus cadernos com datas historicas. Meu tio José Augusto Pimenta escrevia em vão uns artigos em jornais politicos, progressistas, creio eu, a que chamava Datas memoraveis e que eu ia colleccionando e de que hoje tenho dois volumes cartonados com desenhos de recortes. Certamente veio daí a ideia de juntar, em cadernos, metodicamente, as datas de successos historicos que as minhas leituras foram recolhendo bem como as datas do nascimento e morte de honraes ~~escriptores~~ que, por qualquer titulo, se notabilizaram e dessa colleção devo ter hoje, bem ardeuadas, alguns milhares de datas com indicação dos fontes e, nalguns casos, até muito abundantes, onde ir procurar documentação.

Plavia em tudo isto, e' certo, apesar do meu feitiço metódico e ardeuado, certa des...



Sinai que se seguiriam outros estudos dedicados a Salvador Pileiro de Sousa, o rei do Regi, a Martim Affonso de Sousa, ao heroico Antonio da Silveira, á historia da Ceilão portuguesa!... Estes honraes da India, decididamente, pertubavam-me a cabeça e faziam-me pomhar alto, sem limites decentes...

Foi nesse tempo que comecei a formar os meus cadernos com datás historicas. Meu tio José Augusto Pimenta escrevia emão uns artigos em jornais politicos, progressistas, creio eu, a que chamava Datás me-

Recificação: A armada era coman- cionando e de que
 dada por D. Estevão da Gama, Governador honado com dese-
 da India e não por D. João de Castro. ute veio daí a

... noivos, metodicamente,
 as datás de successos historicos que as minhas
 leituras foram recolhendo bem como as datás
 do nascimento e morte de honraes ~~certos~~
 que, por qualquer titulo, se notabilizaram e
 dessa collecção devo ter hoje, bem ardeuadas, al-
 guns milhares de datás com indicação das fon-
 tes e, malguns casos, até muito abundantes,
 seide ir procurar documentação.

Havia em tudo isto, e' certo, apesar do
 meu feitió metódico e ardeuado, certa des-



orientação, nem podia deixar de ser — pois eu não confessava os meus projectos e, salvo conselhos e vapores estimulados do Dr. Augusto Mendes ou do Dr. Ant.º de Vasconcelos, não tinha nem perto nem longe, quem me guiasse.

Depois, nessa altura, saiu a obra do Dr. Vasconcelos sobre a Rainha Santa para a qual gravei a capa, em madeira; li a obra com atenção e dessa leitura me ficou a impressão da minúcia na investigação, da preocupação do documento, da controversia sobre pequenas dúvidas e tudo isso me calou no espirito por siavelmente porque já me sentia com inclinação para o mesmo.

Tenho agora difficuldade em esmiuçar o 7.º foi a evolução que em mim se deu até chegar ao « caso unico e novo na historiographia militar » como disse o general Teixeira Botelho. O certo é que, juntamente com livros de ficção como os de Julio Verne, aliás muito instructivos, eu ia lendo os livros de Historia e juntando conhecimentos que outros rapazes com quem convivia não tinham e com que pouco se importavam.

Essa curiosidade em ler e adquirir conhecimentos levou-me um dia em que se



anunciava para 23 de Março de 1895 uma conferência no Instituto de Coimbra do Guilherme de Vasconcelos sobre « fenomenalidade, a alma e o eu no Budismo »⁽¹⁾, a dizer a meu pai que gostava de assistir; meu pai falou a meu tio Albino da S.^a, este pediu ao Euzébio de Castro bilhetes de convite e lá fomos á sala da « sabia instituição » que meu taverno estava cheia para ouvir o velho patrio orientalista.

Estou ainda a reê-lo, alto, boa figura, para traça respeitável, a ter a conferência com voz clara, pausada e ar solene. É evidente que não comprehenderia o que ele tem; mas a verd.^e é que estive com a maior atenção e procurei apreender um ou outro passo do assunto que era, para mim, verdadeira novidade.

Á saída, ao descer a escada, vinha atrás de nós o Euzébio de Castro a quem me procurei a apontar - me a certo individuo que descia a seu lado e a dizer qualquer coisa que, pelo gesto, deveria ser equivalente a:

— O que vem cá fazer este palerma?

Na verdade ele tinha certa razão; mas

(1) Conservei ainda o programma da conferência e seu resumo em folhas de bom papel de linho.

o que ele não sabia ou não via era a minha ansia de conhecer, a minha constante curiosidade que era muito sincera e que eu, com o feitiço acanhado e retraído não mostrava. Ele via apenas o rapazote ignorante que conhecia na tipografia de meu Avô « Rondau-
"do á volta do Tio Albino » como ele, um dia, já director da Faculd. de Letras me disse em conversa, rememorando tempos passados.

Ora porque será que este episodio sem importancia, de ha 63 anos me ficou tão vivo na memoria? Afinal, episodio banal, sem relevo; mas a verdade é que me ficou gravado muito bem, não sei se por despeito perante o gesto depreciativo que surpreendi ao poeta dos Daristos...

Tudo pode ser. A verdade, porém, é que a cena me tem acompanhado pela vida fóra e ajudou a crear em mim certo « complexo de inferioridade » (como hoje se diz) que possivelmente me terá prejudicado em muitos passos e me tornou mais retraído do que talvez fosse por natureza.

Ora em toda esta minha curiosidade e certa ansia de saber e realizar, ha um contraste com que só dei muito tarde, quando

a cabeça começou a colerir - se de traucas e
 no meu espirito se fez mais serenidade. E'
 que, nos meus 14 a 18 annos, que foi a qua-
 dra em que desalochei toda essa fantasma-
 goria de projectos historicos e literarios, ha-
 via o encontro híbrido do enthusiasmo pelas
 novas ideias, principalmente pelo Anarquismo
 meu, com o interesse pelos factos reais
 da nossa historia ultramarina e por alguns
 mais equilibrados da historia metropolitana.
 Esse encontro deu-se e na verd. não sei
 bem explica-lo.

Penso ás vezes, quando nisso penso,
 que o afastamento do ambiente da officina e,
 por consequencia, da influencia operaria es-
 pecialmente libertaria, me deixasse mais
 á vontade para a outra influencia da leitura
 das cronicas e historias exaltadas da epo-
 que de Quinhentos e que o meu espirito me-
 ço, maleavel e, possivelmente, pelo dominio
 latente dos globulos de sangue da gente do Mar
 e dos algarvios — desse faros de quaravilhas.

E' certo que a impressao funda dada pe-
 lo ambiente operario nunca se me desfez e
 ainda hoje (e felizmente!) a sinto; mas...
 aqueles cavaleiros do Monte Sinai, as faça-

nhas de Albuquerque, a história de D. Lourenço de Almeida e os episódios do cerco de Diu contados com certo brilho literário por Pinheiro Chagas e outros, deram-me, francamente no gôto!...

Como foi isso?

Eu sei lá como isso foi! O que sei é que a minha fantasia roou por esse Oriente todo e preparou, pouco mais tarde, a eclôpse de atentados literários a que, a seu tempo, me referirei, como reincidência aos que já mencionei anteriormente. Estava muito novo ainda para destruir o que havia por detrás ou por debaixo de toda aquela garafunda guerreira e brilhante e deixar-me-ia embalar pelas narrativas das crônicas de Sui nhentô, pela prosa sonora de Jacinto Freire, pelas historietas patrioteiras de Pinheiro Chagas ou pelos rasgos anatómicos de Latino Coelho e outros escritores. Ainda não tinha apparecido um Antonio Sergio que dissesse a Moçidade um «Alto lá!... O caminho não é "esse!"» — e os professores de História deixavam correr as afirmações dos compendios sem procurarem desviar a corrente com melhor interpretação.

Ora quanto aos meus estudos officiais, em 1894 lá fiz os exames de Historia e de Mathematica (4.º anno) com aprovação sem favor ao meu nome lembrado.

E foi durante as férias grandes que passei temporada em Lisboa e no Barreiro em casa do meu tio José Augusto Diniz.

Fui com meu tio Albino da Silva, num comboio que levava quasi todo o dia no caminho; varias vezes, durante o tempo que este esteve na capital, ia-me buscar á rua de S. Lazaro onde morava aquele outro tio e levava-me aos museus de Arte, ás Janelas Verdes e ao de S. Francisco, junto á Escola de Bellas-Artes, e chamava-me a atenção para certas obras e para certos pormenores que me iam ficando na memoria como ficaram para o resto da vida.

Lembro-me do quadro de Coudeixa Descendo para a fonte que eu já conhecia de gravuras em illustrações, cuja luz especial mereceu que meu tio chamasse a minha atenção; e a verdade é que, ainda hoje, quando

vou ao Museu de Arte Contemporânea, me fico a olhar para ele com a comoção natural de quem ha cerca de 60 anos o viu e sentiu pela prim.^a vez com olhos de inexperiente.

Ao mesmo tempo, costumava levar-me ao café Leão d'Ouro, na rua do Principe onde este meu tio ia encontrar-se com os condiscipulos e amigos do tempo da Escola das Belas-Artes. Lembro-me de que, uma vez, fomos lá com o Columbano Bardalo Pinheiro, que abraçou meu tio affectuosam.^{te} e manteve conversas, algum tempo, com o seu artista e acanhado.

Lembro-me de que, outra vez, encontramos o gravador João Maria Fleiter que fez grande estardalhaço quando viu meu tio que foi seu condiscipulo nas aulas do velho professor João Pedroso; tinha conversas muito animada, era um tanto ou quanto estúpido e essa animação simpática compensava-lhe o defeito fisico da gibosidade accentuada que tinha desde criança.

E tambem me lembro bem dum encontro com o celebre illustrador Manuel de Macedo, alto, magro, moreno, com maneiras desembaraçadas, que abraçou meu tio

com certa alegria. Não me recardo se o encontro foi no Leão d'Ouro ou no Museu de S. Francisco; mas ainda estou a vê-lo, com expressão de inteligente no rosto pálido, quase caricatural, a conversar animadamente.

Mas... continuando a lembrar os estudos oficiais do curso liceal: no ano regente voltei para o Colégio do P.^e Ricardo Simões dos Reis, matriculado em Latim (4.^o ano); e passei a aprender as Matemáticas (5.^o ano) com o Dr. Francisco Miranda da Costa Lobo que se ofereceu para me ensinar.

Na verd.^e lá ia a casa dele, na rua dos Cantinhos, duas vezes por semana e lá o avia explicar com clareza os problemas da Algebra e os da Geometria. Dizia-se em casa, á boca pequena, que este oferecimento do Dr. Costa Lobo não era generosidade pura ou amizade desinteressada. Quando ele tornou capello, como o pai e o tio (que ainda conheci muito bem) eram pobres, pediram a meu Avô Manuel Caetano da Silva um empréstimo; esse empréstimo foi amortizado aos poucos, conforme podiam, mas não tiveram tempo de pagar tudo. Por morte de meu Avô essa dívida, nas partilhas, ficou a meu pai

e a meu tio Allino da Silva, em partes equi-
valentes e ainda há pouco encontrei, nos pa-
peis de meu pai, a nota de que em Junho de
1885, ainda estava por pagar a quantia para o
tempo importante de 695,000 reis. Com a mor-
te dos netos o Dr. Costa Lobo não mais pensou
no pagamento do que ficou em dívida, certa-
mente já muito menos do que acima indiquei.

Por algum rebatê de consciencia, pois,
não pagando em dinheiro a dívida que deve-
ria ser, como se costuma dizer, pagaada, pen-
sei em paga-la ensinando-me as Mathe-
maticas. Este Dr. Costa Lobo não saiu aos net-
hos que o creáram; estes eram homens muito
serios, de certa austeridade segundo seria
dizer e essas qualidades não lhe foram trans-
mitidas no sangue. Como caracter, foi sempre
um enigma.

O ensino das Mathematicas que me dá-
va devia ser, evidentemente, bom; não se-
cungia aos compendios adoptados que ele di-
zia ser deficientes; emprestou-me um com-
pendio francezes e seguia demonstrações e
desenvolvimentos diferentes de que eu, real-
mente gostava e que aprendia bem. O pior
foi que, no fim de contas... fiquei refroua

do! No exame, pode ser que me não aquecesse com as demonstrações esboçadas pelo Costa Lobo ou pôde ser também que os homens, rotineiros e agarrados aos seus processos, não abraçassem completamente a minha exposição.

Ainda estão a ver a cara de espanto do José Adelinio Ferrazqueiro que me lançou por vezes a sua classica frase: «Irra, Senhor!...» e a de não menos espanto do bonacheirão Mauro Preto, gorducho e muito miúdo. O certo é que apauhei a minha primeira reprobção... O Costa Lobo ficou de cara á banda, foi falar com os homens e não sei o q. entre eles se passou.

Foi isso a 26 de Julho, dia de intenso calor e pouco depois fui com m.^o Avó, com a tia Arnélia da Conceição e o tio Allino da Silva para Espinho onde passei longa temporada.

Lembro-me de que, nesse verão, o Dr. Sousa Refoios, também com a família em Espinho, esteve uma tarde a contar a meu tio o caso do estudante de medicina Antonio José de Alveida, perseguido pela faculdade no anno lectivo anterior, conforme depois contou no livro muito conhecido Desafronta. O Dr. Sou

na Refeioes contou parmenares de 9. que não lembrro nem fixei; só fiquei com a impressão de que ele gostava do Ant.º José de Almeida e pretendia auxiliar as aspirações ao doutoramento que se materializou com a guerra feita pela maioria da Faculdade.

É lembrro - me de que deueria ser nesse ano que enri o Augusto de Castro então com os seus 12 para 13 annos, recebido d' maruja, na Assembleia, em dia de qualquer festa, recitar com ênfase e certo brilho a celebre poesia O estudante alsaciano que arrancou applausos á assistencia. Era rapazote descarado e tinha geito para a recitação.

Hoje ... é o que se sabe: tem geito para tudo.

Voltando a Coimbra, passada a temporada de ferias matriculei - me, para o anno lectivo de 1895-1896 no liceu em Introdução (4.º anno) ⁽¹⁾ e continuei a frequentar a casa do Costa Lobo, repetindo o 5.º anno das Matematicas e entrando pelo 6.º anno (Trigonometria e Cosmografia), mas ... pelos compendios usuais

(1) Abreviatura de Introdução ao estudo das Ciências Naturais.

adoptados e da autoria daqueles professores que se espantaram com as minhas demonstrações.

Era isto, como disse, no ano lectivo de 1895-1896. Vesti, então, pela prim.^a vez, a capa e batina e deixei crescer o cabelo para imitar a cabeleira de Garrett e usava geralmente camisas de Oxford (como então se chamavam certas camisas de colar pregado); puxava um pouco para cima da gola da batina o colar da camisa e punha o laço da gravata também um pouco saliente para imitar o Antonio Nobre — que me lembro ver, no largo da Portagem, de garro caído sobre o ombro, a olhar nostálgico a curva do Mondego para montante da ponte.

Preteucissismo? Creancice?

Sei lá! Nunca fui preteucioso, creio eu; e hoje, passados 60 anos, vou mais pela hipótese da creancice, ligada aos juvenidos literários que naquele ano recuado de 1896 me rebeutaram de vez.

No Liceu transei conhecimento com rapazes de varias especie e indole, com alguns dos quaes me liquei bastante e mantive boa amizade pela vida fóra. Sem contar com os

dos irmãos de quem que eram relações já «velhas», dei-me muito com um excelente e inteligentíssimo rapaz, o Arnibal Balbo de los que morreu muito novo; com o Carlos Ballino Dias, brasileiro do Maranhão, ~~excessivo~~ falecido ha poucos annos, ao fim de vida infeliz; com o Abilio de Sousa Namarado, da villa de Fronteira, ainda vivo, tripadeiro de Baçalario; com o Arthur Hinz Ribeiro Nunes, (filho do Dr. Francisco de Lima Nunes, medico distincto na Figueira) que foi depois meu companheiro de quarto na Escola do Exercito e amigo intimo, infelizmente morto em 1918, pela epidemia da pneumonica, em Torres Novas, já casado e com dois filhos; com o Luis Alberto de Oliveira, rapaz m.^{to} fino, muito agarrado que depois foi ministro da Guerra ai por 1933 e ha pouco falecido.

Tambem tive as melhores relações que ainda hoje duram, com o João de Barros, da Figueira, rapaz muito vivo, alegre, estudante distincto, já nesse tempo dado ás letras. Naquelle burlcio do Liceu polivesaie pela sua inteligência e vivacidade e publicou um jornalzinho A Miniatura, ao começo litografado mas que passou a impresso desde o me-

numero 3. Ele foi o verdadeiro fundador mas associou outros rapazes como o Fausto Guadros, o Vicente Pinheiro de Melo, o seu patricio Alberto Bastos da Costa e Xilus e mais alguns. Eu assiniei a revistinha e, um dia, propuz-me fazer uma gravura para a capa; disse-me que arranjasse o desenho, que o pedisse ao Dr. Teix.^o de Carvalho que era parente da familia dele e eu depois gravaria. Eu porque nunca arranjou o desenho eu por qualquer outra causa, o certo e' que a gravura nunca se fez e a revista que começára em Fevereiro de 1896 acabou em Maio de 97 com o n.^o 13.

Tenho a collecção incompleta. Ha uns anos, em Lisboa, encontrando o João de Barros perguntei se ele ainda teria alguns numeros com que eu completasse a collecção. Estavamos, salvo erro, no rua do Direo; ele parou e disse-me com ar de ternura:

— Você sabe o que é ter uma ranchada de metos pequenos? De ver eu quando vá a uns caixotes onde guardava essa e outras coisas da mocidade e rasgam tudo... Já não devo ter nada da Miniatura...

O bom João de Barros! A ternura com que falou da «ranchada de metos!»

Foi tambem meu condiscipulo o Antonio Grazi, rijo e rude transmontano mas aluna de cristal, que teve ru.^{to} depois a morte tragica que se sabe; e ainda o ~~coronel~~ Artur Tito Livio de Almeida Pinheiro, de Salvaterra do Estremo, discipulo de S. Fiel mas bom moço, já falecido ha anos; e mais o Alvaro Viana de Lemos, lixe um dos raros vivos, amigo a valer, caracter firme, sempre o portador convencido da bondade dos homens e que já nesse tempo se preoccupava com a pedagogia e tinha ideias avancadas.

E mais outros rapazes cujo nome agora me não ocorrem e de que irei falando conforme meham á collocação e de quem direi o q. fiquei pensando deles, com a franqueza com que falo a este «tão certo secretario.»

Com o Carlos Ballino Dias acima falado e com o Mario Soares Dupre, formámos um grupo de me não exauro no verão do ano seguinte que era quase fatal ás tardes na velha Rua Larga, no passeio do lado do monumento a Camões. O Mario namorava certa rapariga que vivia numa casita na rua do Cosme junto ao predio do Dr. Luis de Costa e Almeida; o Carlos Dias cortejava já me

não lembro que beidade me acordara na rua e eu toleripána meus olhos espantosos, vagamente ciuzentos de uma rapariga de Pizeante afilhada do então reitor da Universidade, o conselheiro Pereira Dias, cuja residência, na rua da Laria, tinha janelas para a rua Larga, para cima das ruínas do velho edificio do Teatro Accademico.

Tudo isto lá vai no fundo do tempo, mas ainda me lembro desses olhos que eram, na verdade, espantosos.

Com a frequencia no Liceu, comecei a alargar o âmbito da minha vida e o âmbito dos meus conhecimentos; mas ao mesmo tempo deu-se, se me não expaço em 1896, uma grande crise de melancolia, de nevroses ou como elle queiram chamar, que parece chegou a preoccupar meu Pais que me viu meitado no quarto, tristonho, pouco social, saindo de casa só para as aulas. Fez, provavelmente, a muito falada crise da puberdade que em mim deu seu resultado uma outra crise de produção litteraria abundante e variada.

Foi, efectivamente, um desatrocado!
 Eu já tinha escrito, nos comecços desse ano de

1896 um poema heroi-cómico Uma vingança!... , em verso decasilabo e branco ou solto, como queiram. Era apenas e simplesmente uma brincadeira para com meu tio José Augusto Pimenta porque um dia, em Lisboa, ao descer da Graça para o Campo de S.^{ta} Clara pela rua da Verónica, escorreguei e caí. Já com meus tios e vestia nesse dia umas calças novas; e isto foi pretexto para certo gaudis por parte deles pois nunca perdiam occasião de se rirem á custa de qualquer incidente mesmo desagradavel fosse para quem fosse. Tivemos para casa dum familia Franco, amiga deles; e logo á chegada a escorregadela foi contada com exaspero de jormenores que deu no gôto ás raparigas presentes e causou mais folia.

Eu nunca gostei do sistema de trocar por dá cá aquella palha; e na roda de meus tios era vulgar isso — o que para a minha maneira de ver e sentir representava inferiorid.^{de} mental. Eu procurei não dar parte á vista da sociedade reunida mas a verd.^{de} é que a dei intimamente e muita. Daqui nasceu, quando voltei a casa, em Coimbra, a primeira ideia do poema que trocava os tios, o gru-

ço de famílias com as quais mais de perto viviam e a quem proprio.

O «poema» tem cinco cantos, com a totalid.^{de} de 335 versos e foi escrito nos começos desse anno de 96, debaixo da evidente influencia do Ulysse de Cruz e Silva.

Entrára, pois, pela Poesia, como não podia deixar de ser...

Dê-se ser tambem desse periodo um novo entre-actó comico Os tres manias, um pouco por influencia dos irmãos Duques e do primo Almeida Duque porque tinham a preocupação de serem bons actores dramaticos. Eu estudava pouco, era cáculo; era o que se chamava um mau estudante — e passava o meu tempo a ler e a escreverinho o que a imaginação e a fantasia lembrávan.

E a verdade é que, depois de tanto convivio com homens de letras e artistas, não poderia deixar de me lançar a todas essas aventuras literarias em prosa e verso. Era fatal...

Comecam tambem nesse periodo de meu laucolia as primeiras investidas concretas pela Historia e, diga-se, pela Historia heroica dos seculos quinze e dezasseis, correspondentes

a tentativa de organização de uma Academi-
nia — nem mais nem menos.

Vou procurar reconstituir a curiosa
tentativa.

Entre os rapazes que conheci no Liceu
havia dois com quem me entendi admir-
avelmente nestas aventuras literarias: o
Arnaldo Balbo Teles e o Artur Tito Livio de Al-
meida Pinheiro aos quais já me referi e q.
moravam na minha rua e, por consequen-
cia, á mão. Expuz-lhes o plano da forma-
ção de uma Academia em que um grupo de
rapazes se reunisse para discutir problemas
de literatura e historia e se fizessem sessões
com conferencias ou lidas ou recitadas.

Os dois acharam bem e eram sincere-
ros nos propositos. A difficul.^{de} estava em en-
contrar rapazes que se agregassem, que to-
massem o caso a serio e não fuzissem fo-
ra a natural bricadeira.

Não me lembro já bem quais foram
os outros componentes. Recordo-me, por
ex.^o, do bom Manuel Paixão que depois foi
farmaceutico de 1.^a classe e falecido ha mais
duzias de annos; os dois irmãos Duques que

eram quase constantes companheiros, foram companhas muito ao de leve, não ligaram a importância que eu queria dar ao empreendimento; e certamente os outros, que poucos seriam, eram naturalmente da mesma força pois os nomes não me ficaram na memória.

Do que me lembro (e, com franqueza, com certo enternecimento) é que no quarto dum daqueles rapazes os tres iniciadores e um ou outros agregado se reuniam para falar sobre historia e literatura; e sei que eu li no mês de Abril duas conferencias, uma com o ~~poss~~ titulo de As descobertas e conquistas dos Portuguezes (lá estavam o Oriente e os faconhudos heróis a chamarem-me!...) e outra com o titulo simples de Portugal — ambas conservadas no volume manuscrito a que chamarei Pecados velhos...

Por simples leitura se vê o que eram esses atentados: estilo enfiado, "patriotismo", com exaltação das chamadas nossas "glorias"; na primeira delas havia o proposito da prioridade das navegações portuguezas, certamente no rasto dos livros de Latino Coelho sobre Vasco da Gama cuja leitura me

impressionária; havia também certo teor
aos violentos governadores e visos-reis da In-
dia como se fossem aijos... Na segunda,
com título que indica mais generalidade, fiz
uma espécie de hino a «este povo audaz e
"aventureiro» que não cabia nos limites
acanhados «que o destino lhe deu» e foi por
esse mundo apanhei em busca de «Luzinguas
"glórias no Oriente» — e isto sem esquecer
a fiada dos truceulentos batalladores desde Gon-
çalo Mendes de Maia e Trás Páupinho. Se-
queu-se depois referências á historia literá-
ria com a exaltação de Camões e de Bocage e
um resumo de certa violência contra os con-
temporâneos refelictas.

Tudo entusiasmo causado pelas lei-
turas de Pinheiro Chagas, Latino Coelho e mais
alguns autores de que me não lembro neste
momento em que escrevo.

O Balbo Teles e o Arthur Tito Livio fize-
ram também, cada um, a sua conferencia.
E estão ainda a ver o ar serio que torná-
mos, no quarto simples de qualquer deles, pen-
tados solemnemente como em sessão grave,
uma a ler conviêto a sua prosa, os outros, em
fila de cadeiras, sua frente, não menos con-

victos, a ouvir e no final a aplaudir. E todos, principalmente os tres iniciadores, persuadidos de que não só o País mas talvez a humanidade lucrariam com aquellas manifestações de intellectualid.^d de estudantes do Liceu de Coimbra.

Esta Academia durou apenas, naquella anno lectivo de 1895-96 o curto espaço de poucos mais de tres semanas; mas quero crer que a nossa sincerid.^d era grande e se não se manteve nos outros annos foi porque o ambiente não era propicio. Hoje, esta revelação poderá causar riso aalguns e certa simpatia a outros; pelo menos assim noto quando eu vêo ou outra conto estes episodios de innocidade; mas a verdade é que a iniciativa representava qualquer coisa de util e digna de registro.

Mas o pior... (ainda continuando a lembrar a minha produção literaria) é que nessa quadra e até quando se aproximavam os exames, em tentei, pelas alturas de Maio, um poema iefrico, nem mais nem menos, cujo assunto eram as façanhas de Afonso de Albuquerque, o terrivel! E o que me impressionava neste grande vulto da nossa historia ul

Tramalina, não seriam, certamente, as suas concepções de governo, os seus planos imperiaes ou as suas ideias de estratégia politico-militar; não me lembro já mais estar certo de que o que deveria impressionar os meus 16 anos Kristónhos e seu guia seguro eram as façanhas belicas, a parte grandiloquente que as crónicas de Guinhentos apresentavam e ainda as referencias impressionas dos Lusiadas. De modo que comecei em verso polito (ainda me não abalancára á rima) com arrazado apolegético, seu tom meu tom, com maravilhosos á tón, e métrica evidentemente muito incorrecta.

Mas que lhe havia de fazer?

Alto tanto saía e tinha de se deixar correr. E o que é curioso é que, embora esta tentativa seja das primeiras produções practicas, lembro-me de que o verso vinha com certa facilidade e o original não soffria grandes emendas. E assim Afonso de Albuquerque que começou a per cantado ao mesmo tempo que ia colleccionando, em caderno, os retratos que vinham nos jornais dos avarquistas apauçados em atentados terroristas como foram Caserio Sauto, Ravachol, Vaillaut e

outros, autôres de mortes de personalidades em evidencia. Contradições a que já me referi e que, verdadeiramente, não saberei explicar com rigor.

Mas era assim mesmo.

Esta tentativa do poema épico ficou suspensa no mês de junho, não me lembro porquê. Recordo-me, porém, que havia calor, bastante calor e de que, ao mesmo tempo, os exames apertavam e de que lá fiz, sem novidade de maior, o de Introdução (4º ano) e o das Matemáticas (5º e 6º anos) — exame em que os mestres, os mesmos do ano anterior, me trataram nas palminhas como para se desculparem do chumbo que me deram. Recordo-me, dizia eu acima, de que construí um poema simbolista...

Era, valha a verdade, incorrigível.

Este poema simbolista foi construído e imaginado debaixo da imediata influencia do Sagramôr do Euzébio de Castro publicado no ano anterior e que eu li com certo entusiasmo. Chamei a esse atentado O Soldado de Maratona e foi feito quase dum jacto em dois ou tres dias de febre... poética. O simbolismo do Sagramôr foi explicado a

meu tio Albino da Silva pelo autor e tam-
 beem pelo Manuel Gaió então em Coimbra e
 que, uma vez por outra frequentava a nos-
 sa casa da rua de Tomar 7.^a ouvir minha
 Irmeã tocar Chopin cuja musica o impres-
 sionava vivamente.

Eu ouvia, fixava tudo; e naturalmen-
 te, um dia, supuz-me no carcereiro o Solda-
 do de Maratona que não deixa de ter o seu as-
 pecto curioso que hoje, visto a 60 ~~anos~~
 anos de distancia, não deixa de merecer aten-
 ção atendendo a que os meus 16 anos não
 davam para mais. Imaginei o soldado q.
 segundo a tradição correu de Maratona até
 Atenas para anunciar a vitória e morreu á
 chegada; porém, o meu soldado, apaixonado
 por certa rapariga de Atenas, depois de de-
 pôr nos joelhos de Júpiter a palmea symbolica
 correu ainda a casa da sua apaixonada que
 encontrou morta.

Estava, creio eu, dentro da escola lite-
 raria. Mas quanto á execução...

Que hei-de eu dizer se, embora seis
 decadas passadas, eu não deixo de ser o au-
 tor? Lembro-me de que, quando encontrei
 o fecho do poemeto (o que foi a 16 de Julho)

fiquei tão exaltado que corri ao liceu para comunicar a grande nova, fosse a quem fosse. Ainda havia exames, encontraria um ou outro condiscipulo — e aí vou eu, rua fóra, e escadas acima, até aos grandes corredores de S. Bento. Toppei logo com o Mario Duque e foi ele quem teve de aquietar não só a leitura do poema como a explicação do seu simbolismo...

Ele ouviu tudo com o seu ar malicioso, a rir, certamente, por detrás das lunetas de miopia; mas eu, com todos os diabos!... desabafei e descarreguei a febre!

Hoje, creio que esta espécie de febre se reduz ao pontapé na bola ou qualquer outra jogatina de esférico de maior ou menor diâmetro. Todavia a febre literaria de ha mais de meio seculo tinha, se não tanta movimentação espectacular, muito menos perigos e certas intencões mais elevadas.

Mas... não fiquei por aqui. Este verão de 96 em que houve muito calor, foi quase fatal...

Nesse mesmo mês de Julho, não contente com o atentado do poema epico em verso solto que ficou suspenso a certa altura,

a meio do canto 2.^o (salvo erro), resolvi pô-lo em oitavas-rima... E aí me abalanço em á transformação do que já estava feito, com uma cerapem que poderia ser empregada em melhor acção. E ainda compuz até certa altura do canto 3.^o!

Sua desta segunda tentativa quer da primeira, não direi mais nada porque ha uns vinte e tal annos, em dia de meu humôr, rasguei tudo.

E creio q. fiz bem.

É interessante notar que, quando comecei a envelhecer e evocava, por qualquer motivo, essa quadra, ficava-me a pensar como é que aquilo tudo me passou pela cabeça e como tive a audacia de me abalançar a tais tarefas. Esse periodo da minha vida, periodo relativamente curto de uns mezes apenas, foi, na verdade, fertil em fantasias e até, talvez, em contradicções. A produção quase terrena-cial de versalhada, a minha tendencia para a tristeza e certa misantropia que aliás já vinha de ha muito e me levava a começar certas poesias com apostrophas desalentadas como esta:

«Quando acabará este martírio tão duro?»

e ao mesmo tempo alguma (ou bastante) necessidade de cultivo intelectual que me levou á organização duma academia como contei e ainda os vãos de fantasia que então tinha e de que me lembro bem — tudo isso, hoje, passado tanto tempo e visto com olhos de quase octogenário, me parece m.^{to} estranho.

Gravou talvez os 16 anos na sua violenta florescência ou mais propriamente no seu rebutamento; eu teria necessidade quase física de fazer versos p.^o contrapôr á metancolia funcional que me invadia em revoadas; e alguma tendência natural que tivesse para a história aquecida pelo cultivo com tanta gente ilustrada que me impressionou na adolescência levava-me, nas asas da larga imaginação, a formular planos muito fóra das possíveis realidades.

Assim seria.

Pelas notas que tenho, muito antigas, e pela memória ainda não de todo esvaída, houve pausa a seguir a este interesse borbulhar dos meses de Maio a Julho. Passei os meses de Agosto e Setembro fóra, não me lembro se

em Luso e Figueira, com meus Pais se na
 jraia do Espinho para acompanhar minha
 Avó materna e minha Tia Amelia da Concei-
 ção, nos intervalos em que meu Tio Albino
 da S.^a tinha que ir a Coimbra para vigiar o
 andamento da casa. O certo é que nos ver-
 tutes que encontro (porque eu anotava tu-
 do) nada custa nestes dois meses de férias.

Quero crer que estas férias foram pas-
 sadas em Espinho e se assim aconteceu foi
 nessa altura que eu vi o Porto pela primei-
 ra vez, acompanhado por meu Tio Albino
 da Silva, por sinal que em dia de trovada q.
 nos obrigou a recostar a um estabelecimen-
 to de venda de bacalhau por grosso na rua
 de S. João (lembro-me bem!) enquanto na
 calçada corria em torrente uma grossa e
 suja enxurrada e nós iamnos enjoados com
 o cheiro intenso do saberoso peixe rêsco.

Só em Outubro, já em Coimbra, reco-
 recei com os meus primos literarios ago-
 ra ampliados a historicos.

Matriculára-me no Liceo em Litera-
 tura e Filosofia; e no Collegio do Dr. Alberto
 Cupertino Pessoa (Pai), na Avenida Sá da
 Bandeira, ultima casa, á esquerda de quem

sobe, em Licéu Alameda, com o professor Augusto Barbosa, engenheiro de minas por escola alemã e amigo de tu de meu tio Albino da Silva.

No liceu, na aula de Literatura tive meu mais meu meus do que tres professores: primeiramente o dr. Placiano José Ferreira de Carvalho, haueu já de certa idade, formado em Direito e Teologia, se me não enganar, erudito á antiga, caterra, jornalista politico com laivos de polemista⁽¹⁾; outro foi o dr. Fortunato de Almeida, conhecido historiador; e depois, no fim, o dr. Francisco Fernandes Costa. Estes ultimos foram nomeados recentemente, depois dos primeiros cursos nos termos da reforma do Jaime Moniz.

Na cadeira de Filosofia tive o dr. Clemente Pereira Gomes de Carvalho, curioso tipo de velho professor, já com sessenta e tal annos⁽²⁾, alcunhado não sei porquê de Burra de Balaão; era, na verdade, um exemplar

⁽¹⁾ Fundára em 1883 O Imparcial de Coimbra. Depois por fusão com O Comercio de Coimbra passou a chamar-se O Distrito de Coimbra que durou até 1896.

digno de nota: homem alto, entrecavado, sempre muito direito apesar de não ser novo⁽¹⁾, com o rosto avermelhado, quase calvo, ares autoritários e, o que é mais saliente, convencido das excelências do seu ensino e da doutrina do seu compen-
 dia.⁽²⁾ Os rapazes não o respeitavam; sur-
 damente, a troca surgia aqui e além nas
 bancadas mais recuadas, especialmente
 quando o homem ia dar aula de capa e
 espaulo (então muito em uso) e barrete
 de malha na cabeça por causa do frio. Ele
 então fazia-se vermelho, exaltava-se, ia
 até á coxas ameaçar e dizia com voz em
 tom dramático que era homem ainda pa-
 ra afrontar a falta de respeito e que não
 recuaria mesmo em frente da força das
bainetas (sic).

Ninguém perceberia porque é que ele
 chamava ali, no discurso, a força das bai-
 netas; mas a frase era vulgar quando se
 exaltava.

⁽¹⁾ Nasceu a 26 de Agosto de 1831.

⁽²⁾ Elementos de Filosofia por Clemente
 Pereira Gomes de Carvalho, 8.^o gr. de 308 pag. e 2
 inumeradas offerrata. Coimbr. 1894.

Contavam-se dele anedotas e calinadas não sei se com alguma base de verdade. Do que me ficou, nos dois anos em que o tive por professor, foi que era um bavalão, enfatuado com a sua filosofia que se tinha de decorar como o padre-nosso e de que a sua intelligencia estava muito aquém do que era necessario para professor e para tradista de ciencia tão alta.

Das calinadas correntes, fiz eu mais tarde, como direi a seu tempo, uma versão thada que andou de mão em mão pelo liceu; e como eu, que nunca tive queda por especulações filosoficas, não decorasse o compendio que, francam^{te}, era duro de roer e não tivesse maneira de encaixear com tal disciplina e ensinada de tal modo, fui sempre considerado um pessimo alumno e mereci, no fim do anno, uma autentica reprobção — a minha segunda reprobção...

Tinha de ser.

Mas, voltando ás tentativas e attentados literarios: em Dindulro, ao regressar a casa, parece que abandonei o celebre poema epico; não encontro qualquer nota a tal

respeito aos meus verbetes — e felizmente. O que logo vejo naquella nota é um artigo acerca de Gomes Freire de Andrade, a propósito do dia 18, anniversario do assassinio juridico do notavel general; foi incluído no n.º 1 de uma nova publicação manuscrita e, desta vez, a tinta, que intitulei Um Journal de que saíram apenas dois numeros que não fui capaz de encontrar entre a papelada guardada.

Este Um Journal era em formato in-4º, segundo concluso duma folha de rosto que me appareceu, talvez restos dos exemplares que teria rasgado malgrem momento de meu humôr. Tinha por sub-titulo Revista Literária e Historica e, logo por baixo, desenhado á pena, o frade a escrever na carteira, copiado de gravura minha que serviu para cabeçalho do Auxiliar d'Escreptario e depois para o ex-libris do Dr. Antonio de Vasconcelos. Era quinzenal e feito de colaboração com o Mario Duque, companh.º que meia sempre nestas empresas. O 1.º numero tinha a data de 1 de Novembro, conforme se diz em nota áquelle artigo acerca de Gomes Freire que ficou copiado no volume manuscrito que intitulei Pecados Velhos, a pag. 123.

Em o n.º 2 saiu novo artigo acerca da batalha do Buçaco, artigo, e' claro, como o outro, em estilo laudatório, com algumas citações no rodapé das paginas para não fugir ao vicio de aparentar erudição.

Não havia maneira de fugir á pisa...

E neste mesmo numero saiu uma Análise critica ao artigo do sr. M. D. (iniciais do Mario Dupree). Análise critica (!!) dum artigo que o Mario escrevera no n.º 1, relativo á guerra de Cuba, guerra que os republicanos viam como proxima causa da proclamação da Republica em Espanha e por isso se enthusiasmasavam com o facto de os Estados Unidos protegerem primeiro a insurreição cubana e quererem ver o que havia de prepotente e de ilegal depois na provocação da guerra.

Lembro-me de que discuti muito com ele, Mario, e outros este assunto. Eu queria ver a irregularidade e má fé da causa; eles só queriam ver os efeitos. Não sei bem quem teria razão e ainda hoje o não sei.

O artigo, que copiei nos ditos Pecados Velhos, a pag. 119, e feito em tom um pouco brincarhão, entrando até por apreciações da linguagem e forma litteraria. Entrava, pois, no

campo da crítica — como se a crítica fosse coisa de agarrar á mão. Mas eu agarrei-a para a minha cerimonia.

É é então, nesse mês de Novembro, que me surgiu o primeiro soneto...

A poesia perseguia-me; mas desta vez para os laivos heroicos. Limitou-se ao verso chão, corrente, ligeiramente ironico.

Foi o caso de querer festejar o aniversario de meu tio José Aug.^{to} Pimenta; e nesse soneto que me tratou da dificuldade, se bem que leu-lo, ha evidentemente vontade de acertar o ritmo com o assunto. Era o balbuciar no genero em que, aliás, nunca fui muito mais além.

Depois, poucos dias passados, novo soneto dedicado ao Mario Dupre, retratando-o com boa disposição de espirito — retrato q. ele, apesar de trocista, não deixou de gostar.

Mas a seguir...

Novo poema heroico-comico! E em 5 cantos, em verso solto e iusulto como todos os diabos!

Leu-me, a-proposito, uma frase de José Agostinho de Macedo que talvez se aplique neste caso: «de todas as manias

"a mais violenta ou arrastadora, e' a dos versos." ⁽¹⁾ O truceleto padre teria razão, creio eu, apesar de quem sempre a ter.

Este poema, porém, era mais uma lembrança a meu tio José Augusto Pimenta e por isso lhe chamei, ao poema, Joséscida. Parece que quiz ter graça, mas a verdade é que a não tive. Conservo ainda um exemplar manuscrito, em 8.º feq.º que qualquer dia terá o destino que merece alguma joguinha purificadora qualquer.

Para que servirá conservar tais coisas, folios sem valor?

Assim acabou o ano de 1896 tão decisivo, creio eu, para mim, debaixo do aspecto do rebeitar da bossa (se bossa se pode chamar) de escreverinhador infernalmente.

E sempre quero deixar mencionado que paralelamente a toda esta barafunda intelectual eu ia aprendendo violino com o Ribeiro Alves, então mestre da banda regimental; conversação francesa com a profes-

⁽¹⁾ Obras inéditas de José Agostinho de Macedo. Cartas e Opusculos, publicadas por Teófilo Braga, em Lisboa, 1900. Carta de Maio de 1829, a pag.º 24-25.

para D. Julio Ribeiro; e tirando fotografias com uma maquina de instantaneos 9 x 12 que meu tio Albino da Silva me deu.

Tirei fotografias a torto e a direito que ultimamente tenho reunidas em album ja triste recordação. Já não são todas; as chapas de vidro de então se não fossem m.^{to} bem lavadas estragáram-se e quando quiz, ha pouco, reuni-las, encontrei muitas inutilizadas. No entanto ainda salvei muitas.

E já agora, para se não perderem de todo umas provas que encontrei numa gaveta, deixo aqui umas tres fotografias que tirei ao Eusebio de Castro no seu quarto da casa paterna na rua do Cosme, hoje desaparecida. O Poeta vestiu para isso uma calça de seda oriental e colocou, na mesa, ao lado, uma jarra tambem oriental com lirios.

Um ratão...

As provas estão muito sumidas; a luz não seria boa e eu não sabia mais da arte. Mas sempre ficaram guardadas para lembrança. (a)

Falei, acima, na aprendizagem de violino. A musica, então, era na casa de meus Pais, quase constante. Meu tio João Costa

(a) Foram refeçadas em 1961





no da Silva era verdadeiramente o animador e até quem pagava ao professor. Para era a noite em que não ia da Quinta da Guarda Lybica, quer chovesse quer fizesse frio, para a rua de Tomar; chegado ali, depois dos cumprimentos, ia para a chamada "casa do piano", eu descia do meu quarto em de finja que estudava e... começava o concerto. Ele tocava flauta, um de minhas Irmãos piano e eu violino; e por cerca de uma hora tocávamos - se vários trios mettem ou não, durante os quais se discutiam certos pontos e meu tio dava conselhos. Terminada a sessão, o tio João Baptista ia dar a meus Pais dois dedos de conversa até voltar para a quinta e eu recolhia ao meu quarto, e ~~me~~ entregava-me ao estudo ou a escrever cartas banalidades.

Durante anos, até eu ir para a Escola do Exército, assim se passavam as noites. Tocávamos muitos e muitos trios que meu tio comprava, discutia-se musica em que ele era perito e «carola» e as noites passavam bem e com vantagens.

Eu nunca toquei muito; o professor Ribeiro Alves patria musica e tinha certa esco-

la no violino; não tinha, porém, arcada, era m.^{to} áspero e por isso não foi com ele que aprendi a lançar o arco com certa suavidade. Com quem ~~o~~ aprendi a arcada foi com o Giulio Baggiagni que durante dois annos servi no Casino Semisular da Figueira da Foz, não por que directamente me ensinasse mas porque a minha atenção ao ouvir os seus concertos me fez apreender quanto possível a arte de sonorizar o arco sobre as cordas com o mínimo de asperezas.

As noites em casa de meus Pais com meu tio João Baptista foram uma excellente escola de musica; orientei o meu sentido musical e se não cheguei a tocar alguma coisa foi porque a vida pegou outros rumos q. se não acompanhavam muito com a arte dos sons — e de talvez podesse encarrerar com algum exito.

Nada de lamurias. Já ficou dito, creio eu, que a minha vida foi toda errada; é escusado insistir e vamos adiante.

Voltemos á bossa historico-literaria. Não vale a pena, evidentemente, estar aqui a esmiuçar toda a barulhagem que me veio á cabeça; só quero fixar, melhor ou pior,

a evolução por que passou o meu espirito até assentar no seu verdadeiro caminho — se o caminho verdadeiro foi.

Já eu dizendo que havia grande barafunda nas minhas tentativas literarias. E assim, no correr desse ano lectivo, voltei á faina do jornalismo, e organizei outro numero da 2.^a serie do Um Jornal, pelas alturas de Março de 897; nesse numero está um artigo Tomada de Santarem, para comemorar o 750.^o anniversario da facanha de Afonso Henriques — e não sei que collaborações houve mais. Como aconteceu com os numeros anteriores da 1.^a serie, não os encontro. Não sei se os perderia se os inutilizei.

Surge então outra forma da minha actividade: os exercicios escolares.

O dr. Fortunato de Almeida e depois o Fernandes Costa, davam certos temas para nós, os alunos da aula de litteratura, desenvolvermos. Lembro-me de que me esmerava em apresentar exercicios "bem escritos", e tenho ainda copiados no volume já citado dos Peccados Velhos os seguintes: Renascença, datado de 8 de Abril para o qual me lembrei da preleção do Euzenio de Castro; Canções,

datado aos 9 de Maio; Oriem e caracter da escola provincial. Sua introdução em Portugal, datado aos 23 do mesmo mês; O Padre Antonio Vieira e as suas obras, dos 25 Volumes de Maio; Oriem do teatro português. Gil Vicente, dos 30 de Maio; Caracter dos seis primeiros periodos da literatura portuguesa, datado aos 3 de Junho; e, finalmente, Caracter da escola romantica e sua introdução em Portugal: Garrett, Herculano e Castilho, datado aos 6 do mesmo mês de Junho. ⁽¹⁾

Isó dava-me prazer; e a exparização destes trabalhos estreitinha-me o tempo de tal modo que nos vershetes, além destes citados exercicios, só encontro a nota duma oitava e dum soneto dedicados ao Paul Bores Dupue.

Estes exercicios de literatura eram bem considerados pelos professores; e lembro-me até de que um, o relativo á Reverencia, ainda ordenado pelo Dr. Fortunato de Almeida, ⁽²⁾ mereceu a este professor (que era,

⁽¹⁾ Estão nos Recados Velhos, copiados respectivamente a pag.^{as} 145, 161, 170, 176, 184, 195, 200 e 213.

⁽²⁾ O de pag. 145.

segundo se dizia, irmão leigo dos Jesuítas) re-
gião por ter escrito que a Curia Romana era, ao
tempo, corrupta e aproveitou o ensêjo para
dar uma repreensão ao meu espírito sectário,
com ares de comiseração pelo meu conceito
e pelo atrevimento. Era bom homem, este dr.
Fortunato de Almeida; mas, discípulo dos je-
suítas, não podia fugir á "obrigação", ...

Depois, no exame de Literatura em que
o tema da parte escrita foi Romantismo. Carac-
ter da escola e sua introdução em Portugal, eu
comerei-me em fazer coisa boa e como fiz
cópia, deixei-a inserta nos mesmos Peca-
dos Velhos⁽¹⁾ e de se poderá ainda admirar
a concisão da exposição e a forma literaria.

Este exercício de exame ia-me valen-
do distinção, proposta pelo dr. Fernandes Cos-
ta que fazia parte do júri; mas os outros vo-
gais não concordaram porque na turma des-
se dia estava o Carlos Lucas (que morreu
juiz em 1918) recomendado pela politica lo-
cal para distinto e mas que fez exame muito
inferior ao meu, aliás, era natural; e assim,
com este critério tão exigente e creio q. jou-

⁽¹⁾ ed pag. 213.

co pério, eu perdi a distinção que talvez, afinal, merecesse. Coisas da vida, ou melhor, coisas da minha vida — que nunca eu menos levei a sério assim.

Este episódio do meu exame de literatura foi contado pelo dr. Fernandes Costa a meu tio Albino da Silva e contava-o indigno do caso o critério dos dois colegas que me não lembrava já quem eram. Não foi, pois, invenção da minha fantasia o que ficou acima contado e comentado.

Fiz o exame de Além sem dificuldades e, como atrás disse, fiquei reprovado em Filosofia; e como eu, muitos outros a quem a perspicácia do mestre Clemente de Carvalho marcou como inabéis para as altas especulações filosóficas e para metérem na caixa (conforme a giria acadêmica) toda a vacuidade do compendio magistral.

Foi a minha segunda reprovação — e não seria, ai de mim! a última.

Ha ainda um caso que não quero deixar sem referencia. Era meu contemporâneo no Liceo um rapaz Fausto de Quadros, de uma aubija familia de Coimbra, com pro-

rapinas, não sei se fundamentadas, de quasi-
 quier gotas de sangue azul. Era rapaz fino,
 bem educado, mas sempre muito presump-
 to com a sua figura, com as maneiras ada-
 ruadas e com o traje em q. era, na verd.^e, in-
 jecavel. Lembro-me de o ver ir para a aula
 de instruções primarias do chamado Julio Pauca
 da, na Praça do Comercio, quasi junto de nossa
 casa, sempre muito apurinado, com luvas
 amarelas calçadas, sem dar importancia aos ou-
 tros, injesturbavel.

Depois, quando estudante do Liceu, cerca-
 va-se de rapazes mais ou menos afidalgados
 ou de dinheiro, considerando-se, contudo, em
 to de les todos.

Ora no anno de 1896 este Fausto de Gua-
 dro formou uma sociedade cujos fins se ~~era~~
 reunia descolari, que reunia umas subterrâ-
 neos de terrenos onde ainda não havia predios
 construidos, no triangulo formado hoje pelas
 ruas de Alexandre Herculano, Castro Matoso e
 Venancio Rodrigues. Estes subterraneos eram
 restos de condutas de agua construidas, atra-
 vez da sua grande cerca, pelos conegos do most-
 teiro de S.^{ta} Cruz, e tinham altura sufficiente
 p.^a pelas se andar de pé.

Chamava-se a instituição Sociedade Anel de Ferro. Academia Literaria e Cientifica e tinha por emblema um anel feito dum erro de ferro e no carimbo uma caveira sobre dois ossos cruzados. Não era academia como a minha, já mencionada, sem espathafato e certos propósitos serios e elevados; não, a sociedade do Fausto de Quadros era espectacular, tinha secretaria, carimbos de varias especie, impressos complicados, uma hierarquia intrincada dos socios, rigor de trajo nas sessões ~~em~~ realizadas nos subterraneos em que se mandinha certo tom rocambolasco.

O Fausto intitulava-se «Grão-Mestre» e rodeava-se de chanceler, secretario-geral e mais cargos complicados de que me não lembro. Eu não pertencia á sociedade mas sabia do que se passava por um rapaz chamado Leite Lage que depois tornou Coimbra, não o tornei a ver e não sei se era o medico especialista de creanças que se notabilizou em Lisboa. O Fausto, parei, não sei já por que motivos deu-me a categoria de socio honorário mas eu nunca fui aos subterraneos a qualquer das sessões e fiquei-me apenas com a ideia do que aquilo era pelas referencias e

SOCIEDADE ANVEL DE FERRO

SOCIEDADE ANNELDE FERRO

SECRETARIA GERAL ACADEMIA LITTERARIA E SCIENTIFICA

COELHO & Cia. Sr. Lavalleiro Bahianis Parnau
L. de S. José Theresia

Sua Excelencia o Illuminadissimo Senhor Grão-Mestre in-
cumbe-me de, em seu nome, convidar a V. Ex.^a para abrilhantar
com a sua presença a Sessão Salomne de 15 de Janeiro
de 1897 ás 5 horas da tarde em que

será photographada a Sessão de 18 de Janeiro de 1897
Palacio do Quarto Crescente, 12 de Janeiro



O Secretario Particular de S. Ex.^a

Leandro de S. Paulo

(INTRANSMISSIVEL)

GRANDE-TENUE
v. P. de S. Paulo - 1897





Alonso Lopez

José María Pimentel

Don Sebastián Hernández

Don de Ferro

Acción

e por um ou outro impresso dos quais apenas guardei o que aqui fica — e que vale a pena observar.

Aquilo era verdadeira maderera. Passavam o tempo em cerimoniaes com ritual muito complicado, cenario de sociedade secreta e misteriosa em que sempre o « Iluminadissimo Sr. Grão-Mestre » procurava lerthar e receber as homenagens dos socios no « Palácio do Quarto-Crescente... »

Madereras em que ele foi sempre fertil e usciro e mereiro até muito tarde.

Mas continuemos...

Meteram-se as ferias que, se bem me lembrro, foram passadas nas jraias do Espinho, subregue á fotografia e a ouvir os concertos nos cafés e casinos que sempre me atraíam com jrazer.

Conheci, de vista, nesse anno, o escritor Alberto Pimentel que me dava a impressáo de um homem triste; andava quasi sempre só, com as melancolicos, a que o bigode caído ajudava bastante. Vi-o quasi sempre com livros e jornais debaixo do braço não sei se para se dar ares de, realmente, para se entreter ou trabalhar.

Estavam em Espinho, nesse ano, o Dr. Sousa Reis e o Charles Lefrierre, um dos professores contratados p.^a a Escola Industrial Brotero quando esta se appareceu em 1887 por D. de Egidio Navarro.

O Dr. Reis entregou-me a fotografia e, como todos os principiaes, tirava retratos a torto e a direito, e ia revela-los para a nossa casa.

O Ch. Lefrierre era mais conversador e fazia roda com a nossa familia e com outras conhecidas. Lembro-me, até, de uma discussão animada que elle teve (ajudado por meu tio Albino de Silva) com umas senhoras pretenciosas e possivelmente ignorantes que diziam barbaridades acerca das pinturas de Puvis de Chavannes que, salvo erro, andavam então muito discutidas. O Lefrierre exaltou-se na defesa do artista seu patricio; meu tio, mais sereno, lançava a sua achar na fogueira; e eu ia ouvindo e fixando noções sobre esse pre-rafaelista que nunca mais me esqueceram.

Lembro-me tambem do espanto deste Ch. Lefrierre quando um dia em conversa com meu tio Albino e o Dr. Reis, ouviu que o

celebre quimico Roberto Duarte Silva era português. O Leprieux fôra discipulo dele e louvára-o com exuberancia; e quando souvi que o homem era português não queria acreditar. O Dr. Pefios perguntou-me se achava impossivel que um português fosse notavel...

Este Ch. Leprieux que veio p.^a Portugal como muitos outros, sem nome, adquiriu aqui certa nomeada e prestígio; mas desde então sempre o nosso País e apesar de sempre ser bem tratado e considerado, fazia-o incorrectamente, sem qualquer rebuço. Nunca gostei dele; era autoritario, tinha ares superiores e julgava-se dono disto.

Estava tambem em Espinho nesse ano outro professor da Escola Industrial, chamado Leopoldo Baptistini, bom homem, muito bem educado, sempre muito correcto de maneiras e cerimonioso. Entrava nas festas do nosso grupo de familias e, se me não enganar, foi nesse ano que ele se enamorou duma rapariga de Oliveira de Azeméis muito bonita e distinta, com quem veio a casar — e que mais lhe foi escandalosamente infiel. Este Baptistini especializou-se, depois, em cerâmica artistica e deixou muita obra

boa e ainda hoje creio que muito apreciada e valorizada.

De volta a Coimbra, em Outubro de 1897, matriculei-me, novamente, no Liceu em Ly
rodução, 5.º ano e pela 2.ª vez, em Filosofia ain-
da com o mesmo dr. Clemente de Carvalho, fe-
lizmente mais tarde substituído, por virtude
de reclamações, pelo velho dr. Manuel Joaquim
Teixeira, madeirense, bacharel em Direito que
por ser baixo, chamáram o dr. Teixeirainha.

Dizia-se que era alérgico e contava-se
que, já velho, um dia que alguém lhe celebra-
va a temperidade com tão bela aparência e vi-
gor intelectual ele respondera com sorriso um
tanto ou quanto melancólico:

— É que dormi sempre só...

Estávamos, pois, no ano lectivo de
1897-1898, o meu último ano liceal em que os
condiscipulos eram mais ou menos os mes-
mos com excepção dum ou outro como o Ma-
rio depois que entrou p.º a Faculd. de Direito,
o Armando Macedo para a de Medicina e al-
guns outros de quem neste momento me não
recordo já.

Em compensação apareceram outros
como por exemplo o José Bairo da Mata,

alentejano da gêmea, entroncado, alto, um
 boado generoso bruta montês, mas já com ares
 de dominio escolertos por certa modestia que
 naturalmente vinha das condições bastante
 precarias em que vivia. Dizia-se que era m.^{to}
 poltre e que a protecção dum padrinho ou de
 parente lhe dera ensêjo ao estudo fóra do seu
 concelho. E realmente o boado apresenta-
 va-se de maneira a justificar o que se dizia
 relativam.^{te} ás condições de vida.

E já agora, quero contar um caso que se
 deu comigo e que comprovou o que deixei dito.
 Tive, não sei porque, dous-me bastante com
 ele, talvez pelo seu ar acanhado e por saber
 que andava ali por favor de estranho, ou tal-
 vez por certa sincerid.^{de} que ele punha nas
 conversas em que não occultava a sua situa-
 ção precaria. No fim do anno, num dia de
 qualquer exame, enquanto se esperava pela
 abertura de porta da sala, notei nele, que ia
 prestar provas, certo ar especial de constran-
 gimento ou inquietação. Perguntei, afavel-
 mente se estava com cólicas; não eram có-
 licas, dizia ele, estava mal disposto, contra-
 riado... E depois de troca de palavras ami-
 gáveis, ele confessou-me que não tinha bo-

ões de punhos na camisa, não tinha dinheiro para luxos e isso contrariava-o; ir para o exame sem os botões de punhos parecia-lhe de máu agouro.

— Oh Casiro! disse-lhe eu; lá por isso não vá você aborrecido p.^a o exame. Dea-me umha cá...

Levei-o para o ~~caso~~ não dum das grandes janelas do corredor, tirei os meus botões de punhos e emprestei-lhos. O Casiro pareceu aliviado dum grande peso e mostrou-se muito grato. Lá fez o exame que correu bem e no fim, quando tudo acabou e nos encontramos de novo no corredor, veio para mim alegremente, restituiu-me os botões e afirmou:

— Oh Belisario: os meus botões deram-me sorte!

E enquanto ele andou por Coimbra, mesmo depois de ser doutor de capelo e boala, as nossas relações, sem serem íntimas, foram sempre amistosas. Depois, foi para Lisboa, não nos tornámos a encontrar e hoje o illustre Casiro da Mata é dos homens de mais dinheiro, das «altas individualidades» da actual situação politica e creatura das de

meus vergonha que esta mesma situação
creou e sustenta.

É interessante que esta creatura é
hoje presidente da Academia Portuguesa da
Historia e presidente da secção de Letras da
Academia das Sciencias. Como é que se elé-
va a estes lugares um banalão desta categoria
e cabotino de tal jaez? Lembrou-me de que ha
muitos annos, ainda elle era professor em Coimbra
da cadeira da Historia do Direito e encon-
trando-me comigo na Bibliotheca da Universidade,
fiquei extasiado perante o foral de Alameda
que existe na sala dos cimelios e não sei já por
qual motivo, está á vista. Trocámos impres-
sões acerca do documento e fiquei persuadido
de que elle nunca viria um foral manuelino...
Como apparecesse o Dr. Maruoco e Sousa então
director da Bibliotheca e entrasse na conversação,
este convidou o baciro a fazer um estudo sobre
o foral para o Boletim da Bibliotheca, que lhe
serviria de pretexto para falar da legislação fo-
ral de D. Manuel. Na verdade, o baciro
fez esse estudo que está á vista de toda a gente
que queira ler ⁽¹⁾ e não passa da transcriçãõ

⁽¹⁾ Boletim cit.º, vol. II, pag. 81-86 (1915).

do jornal com ligeira introdução de 5 paginas
em que se repetem as banalidades conhecidas
acerca da reforma manuelina.

Creio que foi este estudo, além das re-
lutas escolares, a sua primeira obra históri-
ca que provavelmente lhe deu o lugar acadé-
mico de relevo que hoje tem — pois na sua
bibliografia só vejo obras de direito e uma ou
outra bagatela a que se não pôde chamar, com
justiça, obra histórica.

Mas adeante. Não quero ser má lingua
em mostrar má vontade.

Ha anos, era ele ministro dos Estran-
geiros, passava na Avenida da Libertad², em
Lisboa, no seu soberbo automovel, e vi-me
parado, á beira dum passeio, a contemplar o
monumento do Marquês de Pombal, dias an-
tes inaugurado; o homem reconheceu-me,
certamente, porque me disse um adeus afec-
tuoso a que eu mal respondi porque, no
momento, não vi de quem vinha o cumprí-
mento. Vá lá!... o homem reconheceu-me,
mas devido de que se lembrasse do caso dos
botões de punho... E d'aí, quem sabe! Diz-
se que a consciencia ainda é uma grande
coisa.

É ponto final.

Também quero lembrar um outro con-
discipulo, o Adriano Vieira Coelho, rapaz vivo,
um tanto "fapulta", que neste ano lectivo a q. que
estava referindo, deixou de estudar.

Em 26 de Março de 96, reunii um grupo
de rapazes com quem mais se dava e fomos f.
o Penedo da Saudade. Ali, disse-nos triste-
mente q. ia abandonar os estudos porque a fami-
lia não o podia sustentar em Coimbra; e, per-
sibilizado pediu-nos que, cada um escrevesse,
mesmo um cartão de visita, qualquer frase ou
pensam.^{to} que ele guardaria como recordação.
Ficámos, como é natural, juvenalizados com o
caso, mas a ideia foi accitê e cada qual escre-
veu o q. lhe veio á cabeça.

Eu, suggestionado pelo pedido e, natu-
ralmente pelo local, fiz a seguinte quadra que
deixei no verso dum cartão de visita:

«A parte, m.^{ta} vez, comparez-se, neste mundo,
de separar corações ligados pela amizade.
Mas o q. não pôde, não, por mais forte q. seja,
É' fazer-lhes esquecer uma eterna saudade.

Foi sessão comovimentê, pois o rapaz
não contava voltar. Placue lagrimas e abraços

entrevicidos, evidentemente successos, pois naquelas idades ainda se não aprendeu a hipocrisia como depois se aprende, com mais alguns annos passados.

Ora este Vieira Coelho, passados tempos, voltou aos estudos. Formou-se em Direito, casou com uma peuhora filha do negociante abastado Correia dos Santos e montou banca de advogado. Aparecia, então, com grandes ares, muito dinâmico (como hoje se diz) e tão dinâmico que, quando estalou e venceu o movimento de Maio de 1826, com grande espanto meu e de muito boa gente, o Adriano Vieira Coelho foi feito Governador Civil; e depois de uns meses de governo (com o Alcaide de Oliveira á illharga) foi para Lisboa para qualquer cargo chorudo e por lá ainda, segundo se diz, a ganhar a vida como traupoliteiro sem escrúpulos e certamente sem rebates na consciencia.

Mal empregada quadra, a que lhe dediquei no Senado da Saudade!

E outro ponto final.

Um outro candidato de que agora me lembro, mas este ao contrario dos dois referidos anteriormente, era o Carlos Augusto

das Neves Rocha, filho do prof.^o da Faculdade de Medicina Dr. Augusto Rocha. Era excelente rapaz, muito bem educado, de que todos gostavam; infelizmente, em Janeiro, adoeceu, não me lembro com que doença e a 10 de Fevereiro morreu. Houve sincera consternação nos cursos a que pertencia e no seu entéro os seus discípulos da aula de Introdução leváramos uma corôa, como era então costume e acompanhámo-lo ao cemitério com grande pesar. Lembro-me dele muito bem e era amigo dele.

Neste ano lectivo houve um episodio curioso que vou lembrar porque certas particularidades não ficaram escritas.

A prisão do Gungunhana e os combates anteriores causáram em todo o País grande commoção e, muito naturalmente, na Academia o caso foi falado e discutido. E quando, em fins de 1897, Mauzinho de Albuquerque veio á metropole e lhe fizeram festas por toda a parte, houve ideia entre certo grupo de rapazes, de o convidar a vir a Coimbra. Porém, a facção republicana da Academia que era grande, não approvava com o fundamento de que se não fazia caso do official de Ar-

ruada Alvaro de Oliveira Soares Andrea que era republicano e tambem por que o Paço estava a explorar o exito das campanhas africanas em seu proprio proveito.

Levantaram-se divergencias e convocaram-se assembleias gerais dos estudantes para a resolucao do assunto. Eu assisti a algumas, muito animadas e ás vezes tumultuosas. Era o chefe do grupo monarchico o meu visinho de rua, Antonio Gaetano de Alencar Freire e Egas Moriz, estudante nos ultimos annos de Medicina, já orador facil, correcto, tipo academico; chefiava o grupo republicano, mais numeroso, o estudante de Direito Alexandre Braga, Filho, de oratoria brilhante, fina, com laivos de tribuna de corricio. Os duellos oratorios eram interessantes e reuerentes; os dois estudantes temperaram as suas armas, com brilho, naquelas assembleias.

Contudo, não se chegava a qualquer conclusao; e na ante-vespera da passagem de Mouzinho para o Porto ainda ia ser festejado, na assembleia geral da Academia reunida no Largo do Museu, com a mesa da presidencia no adro do edificio do Laboratorio Quimico, ainda se não sabia se se deveria fazer o convite.

Havia no ar certa efervescência; todos queriam falar, ninguém se entendia — até que pediu a palavra o estudante do 3º ano medico Joaquim José Luis Fernandes, conhecido pelo « Fernandes da piada » porque, de facto, tinha muita graça e respostas sempre prontas.

Do repente — no subir os degrãos para falar, a rapaziada estacou e calou-se: o que sairia dali? O Fernandes, muito sereno, passou a mão pela calveira amelada e disse pouco mais ou menos o seguinte:

— Com a discussão tão viva não se chega a concluir qualquer coisa. Tudo se resumiu, afinal, em saber se o major Maurinho de Albuquerque é ou não herói — pois não o sendo, como diz Alexandre Braga, não o devemos considerar. Ora parece-me que, quem melhor o sabe saber, é ele. E assim, proponho que se lhe mande, em nome da Academia, o seguinte telegrama:...

E puxando dum papel, o Fernandes teve pausadamente mais palavra mesmo palavra, o que aqui fica:

« A Academia de Coimbra deseja festejar V. Ex.^a no caso de ser, realmente, herói. Como ha devidas, não a V. Ex.^a a subida finê.

riera de esclarecer o assunto com a devida urgencia. »

É claro que isto provocou forte alarido, risota, chacota e o presidente não teve maneira de impor ordem. A assembleia dissolveu-se com garfalhadas.

Dai a 2 dias, a 18 de Janeiro de 1878, pelas 6 horas e meia da manhã, com muito frio e humidade, passava Meusinho numa carruagem especial atrelada ao comboio do Porto. Estava frio e ainda não era dia claro; havia grande multidão de rapazes na estação velha e como se annunciavam disturbios, eu fiquei-me na estrada de Lisboa-Porto, junto ao muro sobranceiro, tanto mais que havia policia á farta e uma força de Infant: para o q. desse e viesse.

Chegou o comboio e o homem não appareceu; as autoridades entraram no palão e, quanto dum lado, os monarchicos davam vivas a Meusinho e á Monarquia, do outro lado da linha, os republicanos respondiam sempre com um viva a Soares e Andreia. Mas tudo com ar poterno, sem verdadeiro entusiasmo. É foi no que deu a glorificação do captôr do Gungunhana...

Ora ainda neste ano lectivo, logo de começo, surgiu-me nova brotoeja... Influencia, de certo, dos romances de Herculano, Rebelo da Silva, Mendes Leal, Cunha e Sá e outros, tentei um romance historico que felizmente ficou em começo.

Chamei-lhe Fernão Moriz e passava-se nos tempos da revolução que levou ao trono o Mestre de Aviz. A fantasia não conhece grandes limites e abalucei-me a essa tarefa com a mesma indiferença pelo tom da obra com que me lancei ao pseudo-epico. O plano do romance deixei-o no volume dos Pecados Velhos, extraído de uma carta escripta na Escola do Exército em Junho de 1902. Era autenticamente romantico, com a morte do protagonista e da sua amada « com os olhos fitos no céu, como numa es-
"perança... »

Bons tempos! Com que facilidade e sinceridade eu fazia estas coisas! E depois, segundo vejo nas copias dos cit.^{os} Pecados Velhos, a ideia do romance vinha de 1895 e fiz uma primeira tentativa em começo de

(1) A pag.^o 77-107.

1896; escrevi alguns lixquados (ainda não usava os quartos de papel) que nos fins deste ano foram amplificados em nova tentativa que chegou ás primeiras linhas do capítulo IV.

Em 1897 fui reinvidente: lancei-me a terceiro atentado que foi o ultimo e terminei em Novembro, definitivamente. O infulto abandonou não sei já por quais motivos. E ainda bem...

E assim quase me limitei, durante o ano lectivo, a versalhada humorística alusiva aos professores e em especial ao terminal Burra de Balaço que tomei á minha conta.

O romance, deixei-o copiado no já conhecido vol.º dos Pecados Velhos; mas a versalhada de troca, essa pôde ficar aqui arquivada porque não deixa de ter sua graça. São seis sonetos que, no vol.º respectivo que inutilizei ha tempos, estavam escritos com o título: Na aula de Filosofia e ~~eram~~ oferecidos assim: «A um dos martires: Luis Alberto de Oliveira.» Homagem a um desgraçado que se me não expuso ficou reprovado duas vezes por... incapacidade filosofica.

Seguem os sonetos — e não sem vaidade de qualquer especie...

1

Estamos na aula da Mãe Filosofia!
 Explica Ideias um velho professor
 Para quem Deus e Beu são todo o seu amor
 E zanga-se e tudo o que cheira a Anarquia...

Entusiasmado começa Ideias a explicar;
 E depois de gastar a sua fértil veia
 Perguntou a um discípulo parq. d'homem a Ideia
 Não podíamos nós a uma pedra aplicar?...
 "15"

Fez esta pergunta, então, ao curso inteiro
 E ninguém respondeu! Então ele altaneiro,
 Nervoso e zangado levantou-se de catédra:"

«Verponha! A ideia de homem a que mineral
 Não se pode aplicar... nada mais racional:
 Simplesm.^{te} parq. um homem não é pedra!

(21 - Dezembro - 1897)

2

Doutra vez estava ele embarrecido
 A explicar aos discípulos o q. vinha a ser o Mundo.

Fazia ver a todos, triste e estarnecido,
Que a Terra era caída em pélo profundo!

Que os homens eram injustos queria demonstrar
Com berros e com gestos p'ra gente o perceber;
E depois de berrar e de barafustar
Terminou o discurso pelo que eu vou dizer:

«Os homens todos têm sido, realmente,
Perversos e falsos; mas eu q. sou Clemente
Consemo-me toda a vida á altura verdadeira.

E eu juro, meus Sur.^s, q. neste mundo todo
Não ha nenhum homem que justo quer de lódo,
Que não ajude a fazer o Palacio da Asneira!»

(21 - Dezembro - 1897).

3

Falava-se do Terrno e da Proposição.
É o nosso Professor, grave como a Ciência,
Em pé, ao pé de nós, com magna complacencia,
Explicava-nos tudo com leve excitação.

Ficava q. não via algum impaciente

Sua desejando já a hora da saída
 Fazia ao seu vizinho inocente parbida...
 Fingia nada ver... E continuamente,

E sem interromper, continuou a explicar
 até á definição de Terno querer dar
 Onde iria espreaiar a filosofica veia;

E virou-se já na nós com paternal auidôr:
 « O Terno, disse ele, é o vestido exterior
 Com q. nós revestimos uma simples Ideia! »

(21 - Dezembro - 1897)

4

Tratava-se, então, de Sensibilidade
 E não sei que mais. E com um lindo bonnet
 O nosso Professor, com grave suspirado,
 Começou-nos a explicar que o que é — é!

E passado algum tempo nestas explicações
 Começou a dizer q. toda a alma humana,
 Ha-de sentir, de certo, alguma necessidade
 Ao presenciar qualquer cena desumana.